



Maio - Junho de 2006

Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros



**Pedro e Paulo
Duas vidas,
ricas lições**

**Sufrimento humano
Explicação para
o inexplicável**



Casa Editora Brasileira

- BIBLIOTECA -

TATUI

ECOS DE UM CONCÍLIO

**Lei, Sábado e ordenanças judaicas
à luz do Concílio de Jerusalém**



James A. Cress

Secretário Ministerial
da Associação Geral
da IASD

O MÉTODO DE CRISTO

Depois que quatro furacões destruíram sua safra, Dale Bass, proprietário de uma fruticultura na Flórida, entendeu que estava “fora dos negócios” até a próxima estação. Sendo o maior doador de cítricos a igrejas e escolas, para levantamento de fundos, Dale também compreendeu que muitas entidades assistenciais sentiriam o impacto, e ele, sem produtos para comercializar, teria grande prejuízo.

Mesmo sem nenhuma fruta para vender, ele deveria manter seus contatos, compromissos com empregados e garantia para transações futuras. Entretanto, o impacto mais doloroso e imediato da catástrofe foi a destruição de lares, veículos, bens móveis, animais e até seres humanos. Agências governamentais e Ongs assistenciais se movimentaram para ajudar a recuperar e ressarcir os prejuízos na área atingida. Porém, antes que elas chegassem, as congregações poderiam providenciar ajuda específica, caso tivessem um plano preventivo.

Em meio a desastres, muitas pessoas ficam desorientadas, experimentando forte abalo físico e emocional. Elas nem sempre reagem com lógica.

Que fazer para ajudar em tais eventualidades? Onde começar?

Dale opina: “Quando alguém perde tudo, isto é exatamente o que ele necessita recuperar: tudo. Uma garrafa de água, uma tigela de sopa, um lugar para dormir.” Sua congregação abriu as portas para que os desabrigados dormissem nos bancos, e estabeleceu um programa de distribuição de alimentos na vizinhança. Há mais religião num pedaço de pão do que muitos pensam. Adicione creme de amendoim e geléia a esse pedaço de pão, e as vítimas nunca se esquecerão de você.

Algumas vezes, a maior demonstração de bondade será simplesmente sentar junto de alguém que experimentou grande perda. Não é necessária eloquência verbal. Apenas sua presença comunicará preocupação, companheirismo, solidariedade e confiança na providência de Deus. Como disse Francisco de Assis: “Pregue o evangelho sempre; se necessário, use palavras.” Se for

preciso falar, fale de um futuro esperançoso, de dias melhores. Não pregue. Articule esperança, segurança e sua crença pessoal na vitória final de Deus sobre o mal. E ouça. Permita que o sofredor partilhe sua dor. A expressão dos sentimentos de perda libera o estresse.

Atitudes simples valem muito. Providencie cuidados de emergência para as crianças, partilhe transporte, disponibilize seu telefone, contate parentes das vítimas. Ajudando-as a focalizar o futuro, você as habilita a lutar para sair do caos imediato para a restauração normal da vida. Roupas, gêneros alimentícios, itens domésticos, cama e equipamentos de cozinha estão no topo da lista de objetos necessários. Quando vítimas de calamidades começam a reconstruir sua vida, elas necessitam de tudo.

Em cooperação com outros organismos assistenciais, sua igreja pode organizar uma campanha para recolher e distribuir mantimentos e dinheiro. A manutenção de um banco de dados referentes a grupos de apoio e recuperação, centros médicos, psicólogos e conselheiros, companhias de seguro e outras organizações voluntárias servirá para fornecer informações vitais em crises futuras.

Não tenho dúvidas de que, ao nos empenharmos nesse trabalho, nosso

coração florescerá em júbilo e entusiasmo. Se você tem ministrado a estranhos, em tempos de trauma, certamente logo descobrirá um círculo de amigos em cuja vida investiu e aos quais se tornou familiar. Sua própria perspectiva mudará, com respeito ao que é essencial para a vida, enquanto as coisas de menor importância cederão lugar ao que realmente importa. Sua igreja terá oportunidades para desenvolver amizade e partilhar experiências com pessoas que se tornarão abertas ao evangelho.

Lembre-se: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’.” – *A Ciência do Bom Viver*, pág. 143.

*“O Salvador
misturava-Se com
os homens como uma
pessoa que lhes
desejava o bem”*



A CRUZ PODE EXPLICAR

Em 1994, dois missionários cristãos evangélicos retornaram, de férias, ao seu país de origem. Desenvolvendo seu ministério em uma região muito conturbada, cheia de conflitos políticos, religiosos e tribais, eles tinham muitas histórias para contar. Foi então que visitaram várias igrejas de sua denominação, relatando as conquistas missionárias. Porém, também compartilhavam uma inquietação grave: quatro colegas missionários estavam sob o poder de seqüestradores e ninguém sabia o paradeiro deles. Os missionários visitantes convocaram os irmãos para que se unissem a eles numa corrente de oração em favor da libertação dos colegas; e as igrejas os atenderam. Passados 810 dias de fervorosas preces, veio a resposta: um dos seqüestrados foi libertado; os demais estavam mortos.

No fim de 2003, a família adventista mundial recebeu a notícia do assassinato do missionário brasileiro Pastor Ruimar Paiva, sua esposa (Margareth) e um filho (Larisson). A filha (Melissa) escapou da ação do assaltante drogado que invadiu a casa. A família Paiva servia na ilha de Palau. Naquele mesmo ano, outros missionários adventistas também foram mortos em atentados: Lance Gersbach, em Malaita, nas Ilhas Salomão; Kaare Lund, diretor da Adra da Noruega, Emmanuel Shapulo, diretor da Adra da Libéria, e um motorista foram vitimados na Libéria. Por que essas tragédias aconteceram com pessoas que estavam plenamente comprometidas com a missão de Cristo?

Por quê? – eis a intrigante questão com que somos confrontados ao aconselharmos pessoas abatidas por alguma catástrofe, ou, quando somos pessoalmente atingidos. E temos de admitir que são inúteis nossas tentativas de achar respostas para todas as coisas. Há situações diante das quais a única saída parece ser a que foi apontada pelo salmista: “Espera pelo Senhor, tem bom ânimo, e fortifique-se o teu coração; espera, pois, pelo Senhor” (Sal. 27:14). Isso exige fé. Na verdade, precisamos mantê-la sempre. A mesma fé através da qual somos impulsionados para a conquista de vitórias inimagináveis é necessária para nos conservar esperançosos e em pé, resignados, através de sofrimento, perda e morte.

Pela fé, podemos ter nosso olhar desviado de nós mesmos em direção à cruz, em cuja contemplação começamos a entender nossos sofrimentos. Provavelmente, sejamos tentados a nos lembrar de alguma traição ou rejeição sofridas, de injustiças das quais nos julgamos vítimas, de acusações falsas e maledicências a nós direcionadas. Dores físicas e emocionais, certamente, nos virão à lembrança. E seremos despertados para o fato de que antes de sofrermos tudo isso no plano individual, Jesus o experimentou em uma dimensão cósmica. Por isso mesmo, Ele sabe como, pode e quer nos acolher, confortar, curar e restaurar.

Zinaldo A. Santos

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Ano 77 – Número 03 – Maio/Junho 2006
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Josiéli Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Projeto Gráfico: Alexandre G. Streicher; Marcos S. Santos
Programador Visual: Marcos S. Santos
Capa: Montagem de Marcos S. Santos sobre fotos de Dynamic Graphics, Erlo Köhler e Photodisc

Colaboradores Especiais:
Alejandro Bullón; Ranieri B. Sales;
James Cress; Nikolaus Satelmajr

Colaboradores:
Acílio Alves Filho; Barito Lazo;
Cicero F. Gama; Francisco C. Bussons;
Guillermo Rojas; Ivanaudo B. Oliveira;
José Carlos Sánchez; Graciliano M. Filho;
Moisés Rivero; Roberto Gullón;
Valdílho Quadrado

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:
www.cpb.com.br
Serviço de Atendimento Direto: sac@cpb.com.br

Redação: ministerio@cpb.com.br
Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaeministerio

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970
Brasília, DF

Tiragem: 5.800 exemplares
5935/15542



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

12 OS ADVENTISTAS E A POLÍTICA

Orientações para o exercício equilibrado da nossa cidadania.

15 SEGREDOS DO SERMÃO EFICAZ

Que deveria o pregador fazer, para experimentar a sagrada unção?

17 ECOS DE UM CONCÍLIO

A observância do sábado à luz do concílio de Jerusalém.

21 DUAS VIDAS, RICAS LIÇÕES

Pedro e Paulo ainda falam aos pastores de hoje.

24 EXPLORANDO O APOCALIPSE

Como entender e interpretar o último livro da Bíblia – Conclusão.

27 EXPLICAÇÃO PARA O INEXPLICÁVEL

Elementos que ajudam a administrar as tragédias humanas.

30 DESPENHADEIROS DA VAIDADE

Livre-se dos hábitos ameaçadores à integridade ministerial.



Seções

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

10 PONTO DE VISTA

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

*“De todos os cristãos,
devem os Adventistas
do Sétimo Dia ser os
primeiros a exaltar
Cristo perante o mundo.”*

– Ellen G. White

FOCALIZADOS NO REINO

“Deus não espera nada além de obediência e fidelidade ao chamado, no lugar onde estamos”

por Nikolaus Satelmajer

O Pastor Jan Paulsen, presidente da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, é natural da Noruega. Já serviu à Igreja como pastor, professor e administrador em várias partes do mundo. Na África, foi missionário. Era presidente da Divisão Transeuropéia, quando foi nomeado vice-presidente da Associação Geral em 1995. Quatro anos depois, foi eleito presidente da AG, sendo reeleito na última assembléia mundial, realizada em julho de 2005.

Em seu escritório na sede mundial da Igreja, ele recebeu Nikolaus Satelmajer, editor de *Ministry*, para a entrevista que segue. Nela, o líder mundial da Igreja Adventista partilha suas perspectivas relacionadas à missão de promover o estabelecimento do reino de Deus na Terra.

Ministério: Como e em que circunstâncias o senhor decidiu ser ministro do evangelho?

Jan Paulsen: Eu tinha entre 14 e 15 anos de idade quando, por razões difíceis de ser explicadas, a presença de Cristo em minha vida pareceu muito real. Ao lado disso, senti-me tomado por um senso de urgência muito forte a respeito de como eu deveria gastar minha vida. Depois de refletir um pouco, interpretei essa

ocorrência como o chamado de Deus para que me tornasse pastor. E o aceitei prontamente.

Ministério: Qual foi a reação de seus familiares a essa experiência?

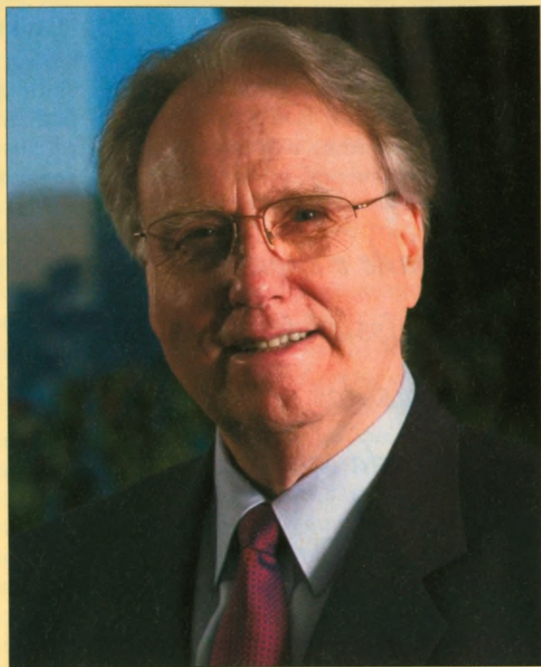
Jan Paulsen: Meus pais me deram todo apoio necessário. Cresci em um maravilhoso lar adventista, mas também pobre em bens materiais. Meu pai era sapateiro e trabalhava intensamente para ajudar-me a custear os estudos. Aliás, eu era o único dos quatro filhos que, naquela época, estava no colégio.

Ministério: De que maneira o senhor conserva o chamado ao ministério sempre atual e presente em sua vida?

Jan Paulsen: Isso está profundamente relacionado a qualquer coisa que a Igreja me convide a fazer. E ela me tem designado tarefas que ajudam a manter bem vivo meu senso pessoal do chamado de Deus.

Ministério: Então, o chamado que nós recebemos de Deus deve ser confirmado pela Igreja, a fim de que seja real?

Jan Paulsen: Sim; definitivamente. Para mim, o chamado divino está intimamente ligado a isto: às necessidades da Igreja, à confiança da Igreja e à afirmação da Igreja.



Ministério: Muitos pastores dizem ter sido influenciados por alguma pessoa: professor, personalidade histórica do cristianismo e assim por diante. Entre tantos indivíduos de seu relacionamento, ou estudos, alguém o influenciou positivamente?

Jan Paulsen: Posso apontar meu professor de Bíblia durante os cursos fundamental e médio. Ele era um teólogo dinamarquês. Posteriormente, veio para os Estados Unidos e tornou-se reitor da Universidade Loma Linda: o Dr. Norskov Olsen. Naqueles anos, ele contribuiu muito para a confirmação do meu chamado. Nos dias do Seminário, também recebi muito boa influência do Professor Edward Heppenstall. Ele me ajudou a compreender o maravilhoso equilíbrio entre a segurança da salvação e o dever de viver em harmonia com a vontade de Deus ou, se você preferir, o equilíbrio entre graça e lei. É importante ter a segurança de que minha vida está bem diante de Cristo e com Ele, acompanhada, conseqüentemente, da afirmação de que devo viver como Seu discípulo. Dos meus estudos, devo destacar Jürgen Moltmann que me ensinou muito a respeito de esperança. Embora sua teologia seja um pouco diferente da minha, em alguns aspectos, sua ênfase combinou muito agradavelmente com a compreensão que sempre tive da segunda vinda de Cristo.

Ministério: Um dos traços marcantes dos seus sermões é sua ênfase no conceito de esperança. Para o senhor, isso é fundamental em sua compreensão da mensagem de Deus?

Jan Paulsen: Sim. Estou seguro de que Deus está ocupado em criar o melhor futuro para nós. Esse é todo o Seu plano. Nesse contexto, a esperança é um elemento fundamental, indispensável.

Unidade e expansão missionária são dois dos maiores desafios da igreja hoje

Ministério: De modo geral, os pastores têm a vida atarefada. Algumas vezes, isso acontece às expensas da própria espiritualidade. Como o senhor administra essa situação? Que atitudes o ajudam a manter sua vida espiritual em crescimento?

Jan Paulsen: Desde os primeiros anos do meu ministério, aprendi a levantar mais cedo, e acho que durmo menos tempo em comparação com muitas pessoas. Acordo regularmente às 4h30, o que me permite umas duas horas e meia ou três horas a mais em casa, pensando e fazendo alguma reflexão espiritual. Assim, tenho tempo para ler, orar, meditar e preparar sermões. Minha esposa também desenvolveu o hábito de acordar cedo, e assim temos proveitosos momentos juntos pela manhã. É um período realmente muito especial para mim. Ele me prepara para o restante do dia.

Ministério: Que lições o senhor partilharia com pastores que se consideram sobrecarregados em seu trabalho, desencorajados diante das responsabilidades que carregam?

Jan Paulsen: Penso que é muito importante reconhecermos as limitações de nossa humanidade. Não tente ser o que você não é. Repito: é importante reconhecermos e aceitarmos nossas limitações. É fundamental compreender que teremos diante de nós elevados padrões que talvez não possamos alcançar. É ótimo que tenhamos padrões elevados e nobres, embora nem sempre nos seja possível atingi-los. O fato é que Deus não pede mais do que o melhor que podemos realizar.

Ministério: Mudando de assunto: Quais são as grandes questões e os principais desafios enfrentados pela Igreja nos dias de hoje?

Jan Paulsen: Em primeiro lugar, como você bem sabe, a Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma comunidade que está em acelerado crescimento. Entre adultos e crianças, atualmente ultrapassamos a marca dos 20 milhões de membros. E um dos grandes desafios de uma igreja que cresce rapidamente é este: Como manter unida esta comunidade global? Para mim, como líder da Igreja, uma das mais altas prioridades é a sua unidade. Agora, nós somos unidos no Espírito, como as Escrituras nos ensinam. O Espírito é o elemento-chave para que nos mantenhamos unidos; porém, quando fazemos essa declaração, necessitamos praticá-la. E isso significa que devemos ser fortes em relação àquilo em que não podemos ceder. Fortes em relação àquilo que é indispensável para nossa identidade. E temos de ser generosos em relação ao que requer um pouco mais de abertura. Em uma comunidade global com diversas culturas, sempre haverá certas diferenças porque temos de obedecer a Deus onde nós vivemos. Na África, por exemplo, isso pode ser diferente da Ásia, da Europa e da América. Assim, penso que existem elementos pontuais, ou seja, definições do que nos torna a Igreja Adventista do Sétimo Dia, e há elementos de diversidade cultural, dentro dos quais expressamos adoração. Devemos reconhecer os dois aspectos. Mas, a unidade é uma das minhas grandes prioridades.

Ministério: E as outras?

Jan Paulsen: A segunda tem que ver com a missão. Estamos aqui para cumprir uma missão, conforme dizemos sempre que nos reunimos em concílios. O Senhor espera que sejamos Suas testemunhas e, assim, somos compelidos a partilhar o testemunho a respeito de Cristo a todas as pessoas. Nisso, temos de ser inovadores, criativos, buscando caminhos através do rádio, televisão, Internet, para alcançar pessoas que, de outra forma, não seriam alcançadas. Devemos alcançá-las, pelo menos no sentido de implantar a semente do evangelho em seu coração. O Espírito Santo dará continuidade à obra, como Lhe aprouver. O elemento de unidade numa igreja em acelerado crescimento e o elemento de expansão missionária re-

presentam, para mim, dois dos nossos maiores desafios. Se eu tivesse de mencionar um terceiro, esse estaria relacionado com a juventude, o grupo entre 18 e 32 anos de idade, particularmente estudantes e jovens profissionais. Devemos estar seguros de que não apenas teoricamente abrimos espaço para eles, mas que os convidamos a atuar em parceria na vida, missão e ministério da Igreja.

Ministério: Que sugestões específicas o senhor tem para as congregações, a fim de que elas envolvam os jovens no trabalho?

Jan Paulsen: Eu gostaria de dizer o seguinte a todos os líderes de congregação: Sejam sensíveis à presença dos jovens. Não os releguem ao papel de meros observadores. Procurem envolvê-los na vida da igreja. E digo mais: confiem neles. Permitam ao Espírito Santo encontrar expressão através de suas idéias criativas.

Ministério: Como o senhor vê o entusiasmo do jovem adventista em relação a Cristo, ao redor do mundo?

Jan Paulsen: Eu acho que existem muitos que estão buscando constantemente caminhos para tornar a fé relevante diante dos desafios que enfrentam. Eles estão buscando respostas para questões que não são administradas com facilidade. Você sabe que eu tenho mantido diálogo com jovens através da televisão. O que eles dizem é algo como isto: "Olhe, fizemos uma escolha pela Igreja. Queremos ser parte da vida dessa comunidade." E não há outra maneira pela qual eles possam ser parte da comunidade de fé, se os líderes experientes não os encorajarem e aceitá-los de fato.

Ministério: Aproximadamente um ano atrás, foi realizada a assembléia mundial da Igreja. Qual é sua visão para os próximos cinco anos? Que coisas o senhor tem em mente para que a Igreja realize, no contexto do tema "Diga-o ao mundo"?

Jan Paulsen: Estou seguro de que a Igreja existe, primariamente, para cumprir uma missão. Diante de tudo o que é dito e feito, se a Igreja não for um instrumento de missão, então ela terá falhado em ser o que Deus quer que ela seja. O que dizemos ao mundo, o dizemos por palavras, ações e relacionamentos. É assim que comunicamos a mensagem de Cristo àqueles que ainda não o conhecem. Essa tem de ser a principal tarefa da Igreja.

Ministério: Então, o senhor encara o lema "diga-o ao mundo" como sendo algo mais que um programa. Na verdade é um conceito, ou perspectiva?

Jan Paulsen: É uma visão segundo a qual devemos dizer ao público que estamos aqui a fim de partilhar alguma coisa importantíssima para ele. Estamos aqui para ajudar as pessoas a conhecerem Jesus Cristo.

Ministério: Quais são os aspectos fundamentais que, a seu ver, têm feito da Igreja Adventista um movimento mundial? O que isso nos diz sobre o futuro?

Jan Paulsen: Desde nossos primórdios, determinamos que deveríamos avançar juntos com a pregação da Palavra, educação e o ministério da saúde. Isso era parte de uma bem deliberada visão, compreensivelmente articulada através dos escritos de Ellen White e firmemente mantida pela Igreja. É assim que nós operamos o maior sistema educacional protestante do mundo, com mais de seis mil instituições tocando a vida de um milhão e meio de jovens e crianças cada dia. Em segundo lugar, temos sempre sentido e crido que a saúde do corpo e da mente é importante. Como templos de Deus, temos diante dEle o sagrado dever, como ato de adoração, de nos conservarmos sadios. Conseqüentemente, operamos muitas instituições de saúde, não apenas como um tipo de reparadoras do corpo, mas como centros de ministério da saúde, nos quais oferecemos orientação preventiva, e também restauradora quando esse é o caso. Temos feito isso em todo lugar ao redor do mundo. Essas coisas têm sido marcas distintivas de nossas atividades missionárias. Enfatizamos profundamente a Bíblia e, ao mesmo tempo, desenvolvemos o ministério da saúde.

Ministério: Então, a obra da educação e o ministério de saúde não são coisas que fazemos em adição ao evangelho. São parte dele.

Jan Paulsen: É exatamente isso.

Ministério: Como a estrutura da Igreja Adventista nos tem sido útil? Temos um sistema que, embora tenha passado por algumas mudanças através dos anos, ainda conserva alguma semelhança com o que tínhamos quando a Igreja foi organizada. Qual é sua visão em relação ao futuro?

Jan Paulsen: A estrutura que estabelecemos, como Igreja, tem mais de cem

anos. Ela foi criada quando nosso número de membros em todo o mundo era em torno de 75 mil. A esta altura, sempre nos perguntamos: Essa é a melhor forma pela qual podemos nos manter estruturados e organizados? Considerando a mudança populacional dentro da Igreja, e em virtude do fato de que talentos e recursos denominacionais também são amplamente distribuídos, necessitamos rever as coisas. Estamos de acordo com outros líderes, no sentido de constituirmos um corpo representativo de todo mundo para analisar as estruturas, analisar os ministérios que brotam dessas estruturas e confrontar-nos com a questão: Este ainda é o modo mais efetivo de fazer isso? Provavelmente seja. Mas não podemos assumir isso, sem um olhar crítico, um exame imparcial e minucioso.

*Se a Igreja
não for um
instrumento
de missão,
terá deixado
de ser o que
Deus deseja*

Ministério: Temos uma estrutura financeira que, provavelmente, muito tem ajudado nossa expansão mundial. O senhor acha que continuará assim no futuro?

Jan Paulsen: Espero que sim. Necessitamos estar seguros de que nossa Igreja mundial vê-se a si mesma como um corpo; e qualquer fraqueza encontrada em uma parte desse corpo deve ser apoiada pela parte mais forte. Penso que o plano de Deus é que partilhemos. E como uma comunidade global, estamos entrelaçados financeiramente e partilhamos nossos recursos. Então, sinto que o benefício de nossa estrutura financeira continuará. Se isso acabar, acho que fatalmente nos tornaremos uma Igreja regional.

Ministério: Se o senhor tivesse oportunidade para falar a todos os pastores adventistas, o que gostaria de dizer?

Jan Paulsen: Talvez eu dissesse muitas coisas. Porém, um pensamento que me vem é este: Consideramos que somos uma comunidade global, ouvimos histórias vindas de algumas partes do mundo, particularmente da região sudeste. São histórias de crescimento rápido, proezas em favor do cristianismo, e com frutos que vão além do que pessoas em outras partes do mundo poderiam imaginar. Louvamos ao Senhor pelo que está acontecendo ali. Mas, isso pode ser desencorajador para alguém que vive na América do Norte, Europa, Austrália, Nova Zelândia, ou em certas partes da Ásia, Japão ou Hong Kong. Alguns dos grandes países e cidades onde valores seculares estão impregnados na mente das pessoas são lugares em que é muito difícil para as pessoas verem o que Deus pode oferecer através do instrumento da fé cristã em Jesus Cristo, bem como o que Deus pode fazer para transformar positivamente a vida. Dificilmente os pastores que trabalham nessas áreas testemunham o mesmo crescimento de outras regiões. Eu lhes diria o seguinte: Deus não espera nada além de obediência e fidelidade ao chamado, no lugar onde estão. Partilhem Cristo tão efetivamente quanto lhes for possível em seu lugar de trabalho. Isso é tudo o que Ele pede. No fim, ouvirão: "Bem está servo bom e fiel..." Trabalhem fielmente onde estiverem.

Ministério: Em sua opinião, qual é a grande necessidade da Igreja para enfrentar o futuro?

Jan Paulsen: O único preparo que podemos fazer para o futuro é espiritual e em termos de decisões fundamentais que fazemos em relação a outros. Essas são as únicas decisões que podemos tomar em relação ao futuro. Enquanto analisamos o que aconteceu no passado e nos anos mais recentes, fica claro que vivemos em tempos tremendamente instáveis. Seria um milagre se um ano transcorresse sem que um grande desastre, natural ou causado pela mão do homem, acontecesse em algum lugar. Penso que isso deveria nos dizer que necessitamos estar focalizados no Reino do qual o arquiteto e construtor é o próprio Deus. Não podemos nem devemos perder esse foco. ◻

PREOCUPAÇÕES DE ESPOSA



Sônia Rigoli dos Santos

Diretora da Afam e do Ministério da Mulher na Associação Sul-Paranaense

“Pela fé, também, a própria Sara recebeu poder para ser mãe, não obstante o avançado de sua idade, pois teve por fiel Aquele que lhe havia feito a promessa”

Não era nada fácil ser a esposa do pastor. Tudo começara havia muito tempo, e Sara se lembrava muito bem do dia em que seu esposo ouvira e atendera o chamado de Deus. Ele, um rico e respeitado comerciante; ela, uma linda mulher conhecida na sociedade. Tinham uma boa casa, um sobrado com sacada em volta e até água encanada, o que era um conforto e tanto para aqueles dias! Viviam em Ur, sua cidade natal, uma das mais bonitas e desenvolvidas de então. Ali, aparecia imponente um dos pontos turísticos mais famosos do continente: um enorme templo em degraus, o famoso Zigurat. Biblioteca pública e um porto transoceânico tornavam a famosa Ur uma cidade muito atraente, convidativa para se viver. E não era ali que também viviam todos os seus familiares e amigos?

Porém, do dia para a noite, tudo mudou na vida daquele casal. O esposo ordenara que tudo fosse preparado para a mudança. Para onde iam? Nem ele mesmo sabia. O fato é que, por meses, talvez anos, eles viajaram e viajaram, armando tendas ali e acolá. Quando, finalmente, iriam se estabelecer? Onde seria o novo lar? Quando ela poderia desembulhar definitivamente os quadros para colocá-los na parede?

MISSÃO EM TERRA IDÓLATRA

Os dias passavam e a rotina era sempre a mesma. Todas as manhãs, mais de mil pessoas, entre amigos, escravos e os poucos familiares, se reuniam diante do altar, enquanto Abraão realizava o culto diário. Milhares de pessoas com as quais entraram em contato durante o percurso tiveram oportunidade de conhecer o Senhor, através desse fiel pastor.

Quando, finalmente, a viagem terminou, para horror e espanto da família, descobriram que os novos vizinhos eram tão idólatras quan-

do os habitantes de sua cidade natal. Esse povo estranho até mesmo oferecia seus filhos em sacrifícios a falsos deuses. Por que tinham sido “transferidos” de Ur para esse lugar remoto? Por que tiveram de deixar o conforto e os familiares, para viverem num lugar tão primitivo, inóspito e distante? Sara poderia ter feito essas perguntas, enquanto, saudosa, pensava em tudo o que deixara para trás.

Em Ur, o pomposo culto pagão era realizado no Zigurat. Nele, havia três torres numa das quais vivia o deus Ningal; noutra, sua consorte, a deusa Nannar, e, na terceira torre, estava o harém sagrado. O culto incluía oferendas e prostituição, pedindo a fertilidade das terras e do gado. Talvez, por isso, o Senhor chamara Abraão e o enviara para um lugar tão distante, uma terra na qual, livre da influência da família, dos amigos e da idolatria, ele pudesse testemunhar do Deus verdadeiro e dar origem a um povo especial que O representasse diante de todas as nações.

TEMOR DO FUTURO

Não era fácil suportar a saudade da civilização e dos familiares, mas Sara era a “esposa do pastor”, devendo apoiá-lo e ajudá-lo. Certamente, ela podia testemunhar a influência que o trabalho do esposo exercia sobre os vizinhos cananeus. Muitos deles, ao passarem por um dos muitos altares deixados pelo casal em sua rota para Canaã, o reconstruíam e, ali, adoravam ao Deus de Abraão.

Contudo, se tão somente ela tivesse um filho a quem pudesse dedicar todo amor, dedicação e ternura!... Talvez, o sentimento de solidão fosse minimizado, a saudade não lhe apertaria tanto o coração, e ela se sentiria mais feliz. Passaram-se os anos e, finalmente, o prometido e esperado filho chegara. Ele era a alegria e a razão de sua

vida. Porém, um dia, o esposo pastor o levava ao Monte Moriá, a apenas três dias de viagem, para ali sacrificarem ao Senhor. Sara não sabia explicar a razão, mas seu coração estava apertado. Parecia-lhe que algo terrível estava para acontecer ao filho querido. Era uma impressão tão forte e vívida que, em algum momento, até sentiu desejo de montar um jumento e correr atrás deles.

E se Abraão voltasse sozinho?... E se?... Provavelmente o que ela temia nunca fosse acontecer e revelasse apenas medo de que, um dia, o filho amado a deixasse e partisse para longe, como Abraão fez ao deixar Ur para sempre. Como sabemos o desfecho da história, deixemos Sara de lado e examinemos a nós mesmas, à luz da sua experiência.

AS LIÇÕES

Como esposas de pastores, será que, às vezes, não nos encontramos lutando exatamente com os sentimentos aqui sugeridos? Acaso, não há semelhanças entre nós e Sara? Em determinado momento, algumas de nós já não questionaram o acerto da escolha em casar com um pastor? Discordaram da liderança da igreja quanto ao local para onde a família foi enviada? Sentiram-se solitárias, distantes dos familiares e amigos? Ficam aborrecidas todas as vezes que necessitam mudar de cidade? Julgam-se injustiçadas, quando o lugar em que moram não preenche as expectativas pessoais?

Será que, a exemplo de Sara, não tememos perigos reais ou imaginários? Ficamos apreensivas quanto ao futuro e ao bem-estar dos nossos filhos? Discordamos de algumas decisões tomadas pelo esposo, com respeito ao trabalho? Precisamos de resultados mais tangíveis, para sentir que Deus nos está dirigindo?

Sim, acostumada ao conforto e à segurança de uma vida estabilizada e tranqüila, inicialmente, Sara deve ter achado tudo muito difícil. Porém, ela nos é apresentada como companheira constante do esposo, mãe dedicada e carinhosa, tendo seu nome gravado nas páginas da história dos heróis e heroínas do povo de Deus: "Pela fé, também, a própria Sara recebeu poder para ser mãe, não obstante o avançado de sua idade, pois teve por fiel Aquele que lhe havia feito a promessa" (Heb. 11:11). O segredo da vida vitoriosa de Sara foi que, à semelhança de Abraão, ela escolheu ser fiel a Deus e confiar em Suas promessas.

*“Deus tem um plano para
nossa vida. Deseja nos tornar
uma bênção no lugar
onde trabalhamos”*

Se existem dificuldades e problemas, se não estamos felizes com as circunstâncias que nos envolvem, lembremos de Sara; e busquemos em Deus alívio para nossas ansiedades. Ele tem um plano para nossa vida. Deseja nos tornar uma bênção no lugar em que vivemos e trabalhamos, não importando as circunstâncias. O Senhor sabe onde nossos filhos poderão melhor desenvolver um caráter digno e os ajudará a escolher os verdadeiros valores para a vida.

Se escolhermos viver pela fé, como Sara, seremos vencedoras e figuraremos na galeria dos heróis de Deus. Finalmente, estaremos com Jesus, Aquele que nos acompanha em nossa jornada diária, supre nossas necessidades e está atento aos desejos do nosso coração. ◻

ELES QUEREM PARTICIPAR

*Valorizar
o servidor
jubilado é o
desafio da
igreja e de
empresas
seculares*

Sua companheira de vida falecera. Como um casal pastoral, juntos, eles serviram por mais de 25 anos na região em que ultimamente viviam, além do período dedicado ao campo missionário. Durante os últimos dois anos, ela sofreu intenso desconforto físico em virtude da doença. Ele, amorosamente, cozinhava, limpava a casa e cuidava de todas as necessidades dela. Os filhos, especialmente comprometidos com a extremosa mãe, também lhe providenciavam o que fosse necessário.

A família era calorosamente bem recebida e amada por muitos irmãos dos lugares em que serviram, inclusive do exterior, por causa da dedicação fiel e altruísta demonstrada em seu ministério. Ambos alegremente serviram à Igreja e partilharam, sobretudo pelo exemplo de vida, o amor de Deus. Como resultado, muitas congregações foram estabelecidas em vários lugares.

Devido a algumas circunstâncias, o funeral pôde ser realizado somente alguns dias após o falecimento da esposa do pastor. Como acontece normalmente, parentes e amigos compareceram à cerimônia, realizada na mesma cidade em que moravam e já tinham abençoado muitas pessoas através do seu trabalho. Um colega de ministério, também jubilado, juntamente com a esposa apresentaram a mensagem de conforto aos presentes. Os filhos também falaram, destacando a dedicação e o extraordinário dom da hospitalidade da mãe; filhas e netas homenagearam a mãe e avó com belíssimas peças musicais.

Embora a cerimônia fosse bonita e confortadora, ninguém da sede local da Igreja esteve presente para dizer uma palavra de reconhecimento à operosa vida de serviço e ministério daquela consagrada esposa, ou para expressar condolências e conforto ao pesaroso colega. Nenhum chamado telefônico, nenhuma visita, nenhuma carta de apoio durante todo o período da enfermidade, nem depois da morte. Embora



Myrna Tetz

Esposa de pastor e escritora, jubilada, residente na Carolina do Norte, Estados Unidos



Cliff Sorensen

Pastor, professor e administrador, jubilado, residente em Washington, Estados Unidos

o bem-estar do pastor não dependa de simpatia ou compaixão dos seus superiores imediatos, esse tipo de ferida, ainda que não intencionalmente causada, resulta em sentimentos de exclusão e na possibilidade de que ele desenvolva conceitos como: “não valho mais nada”; “não tenho a menor importância”.

UM DESAFIO

Não faz muito tempo, um pastor e sua esposa resolveram visitar alguns amigos, jubilados como eles, com os quais lembraram os tempos de atividade ministerial: concílios, congressos de jovens, além de outros fatos. Então, a conversa inevitavelmente tomou a direção do relacionamento com os líderes do Campo onde residiam.

“O que vocês ouvem dos líderes desta área?”

“Eles nem sabem que nós existimos”, foi a resposta comum. “Não ouvimos nada.”

“Vocês não recebem nenhum boletim, nenhuma comunicação sobre nada do que acontece por aqui?”

“Não”, responderam os anfitriões.

“Não são convidados para reuniões pastorais?”

“Não.”

O pastor visitante foi tentado a perguntar: “Ninguém do escritório telefona ou visita vocês ocasionalmente?”, mas dominou-se, porque a resposta já estava implícita nas respostas anteriores.

É verdade que existem líderes conscienciosos, que jamais passam por alto um coobreiro valioso. Porém, há falha de comunicação em muitos níveis. E uma questão deve ser enfrentada e respondida: “Como evitar situações tão constrangedoras, para dizer o mínimo?”

O desafio de reconhecer a importância de servidores jubilados é visto na Igreja e no ambiente secular. Por exemplo, em um artigo no *Pittsburgh Post Gazette* (01/05/05), Pamela Gaynor escreve: “Quando Howard Bruschi decidiu, três anos atrás, jubilar-se como chefe do departamento de tecnologia da Westinghouse Electric, a companhia não perdeu tempo em recontratá-lo como consultor de meio período”. Gaynor ainda explicou que, ao estabelecer consultorias ou criar programas modernos, as empresas estão “encontrando formas de reter servidores experientes, ... Estamos saindo da noção de servidores antigos que têm esgotado sua utilidade para outra segundo a qual eles são vistos como extremamente valiosos”.

SÍNDROME DO AFASTAMENTO

Geralmente, quando os pastores se jubilam, eles são atacados pela síndrome do afastamento. Um dia, experimentaram profundo e significativo envolvimento como líderes habilidosos, pregavam, visitavam os membros da congregação, eram procurados por pessoas desejosas de conselho e atenção. De repente, tudo muda. Num piscar de olhos, já não experimentam a alegria de se sentirem úteis e valorizados.

Enquanto avaliamos essa súbita ruptura que frequentemente ocorre seguida à jubilação, algumas questões vêm à tona: Como poderíamos evitar essa experiência nociva e

dolorosa? O pastorado pressupõe trabalho vitalício; o pastor dá à igreja e seus membros os melhores anos de sua vida (alguns servem por mais de 50 anos). Seguramente, investir de alguma forma na continuidade do relacionamento representaria ricos dividendos para a Causa. Talvez, as seguintes sugestões sejam úteis:

- Convidar os jubilados para os encontros ministeriais.
- Incluí-los da lista de endereço eletrônico e enviar-lhes material informativo.
- Visitá-los em casa, ocasionalmente.
- Designar-lhes alguma tarefa em reuniões pastorais públicas.
- Criar espaço, no boletim do Campo, para homenageá-los.
- Mantê-los na Associação Ministerial e assisti-los devidamente.
- Criar um grupo de obreiros jubilados, a fim de que, juntamente com líderes do Campo, encontrem meios de manter e ampliar relacionamentos produtivos com outros jubilados.

É razoável assumirmos que jubilados do ministério e de outras áreas têm interesse e desejam manter-se atualizados em relação à Igreja, e querem ajudar no que for possível. Eles apreciam a atenção e o envolvimento da parte dos antigos colegas e líderes. Com um pouco de reflexão e oração, é possível fazer com que esses irmãos sirvam de grande ajuda à igreja local e ao Campo.

COMUNICAÇÃO VIRTUAL

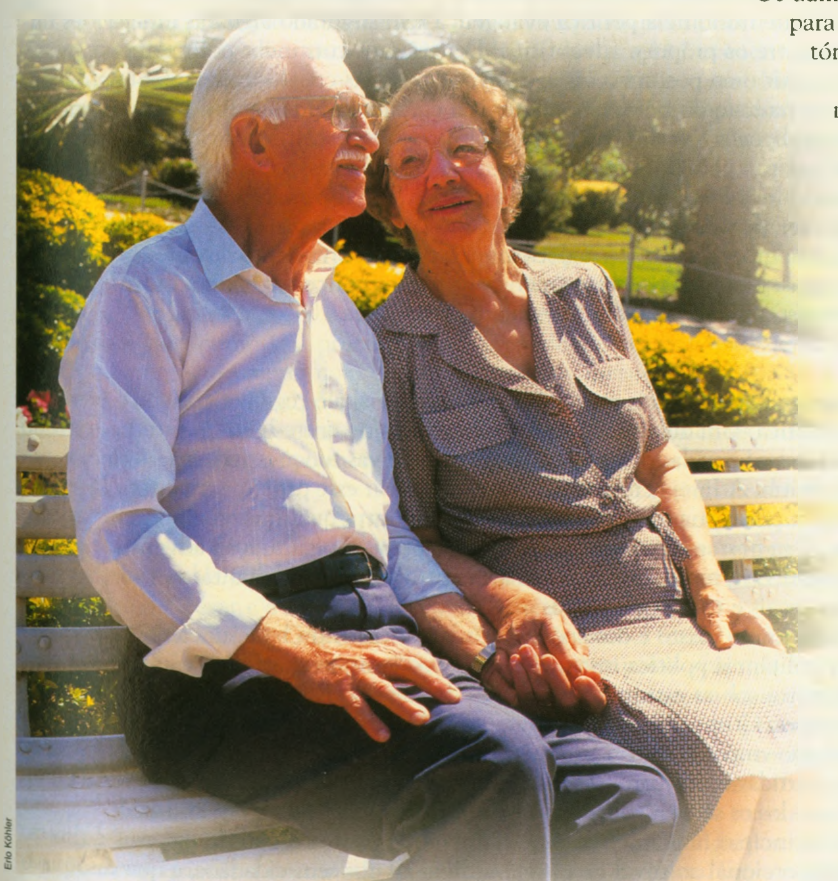
Em nossos dias, a comunicação mudou bastante. Familiares, amigos, colaboradores e líderes já não precisam se corresponder semanal ou quinzenalmente. Por meio de endereço eletrônico, enviam e recebem mensagens em tempo real.

Os administradores podem valer-se do mesmo método para manter contato com os jubilados de seu território. E não é um investimento custoso.

Sabemos de um líder que envia *e-mails*, diariamente, a centenas de amigos, familiares, líderes, colegas de ministério e obreiros jubilados. Ele descreve as atividades da igreja, menciona visitas feitas, e sempre inclui pedido de oração e mensagem de encorajamento.

Todo pastor jubilado tem um conjunto de necessidades inalteráveis. Primeiramente, eles necessitam saber que alguém se importa com eles, os ama e respeita. Eles também precisam saber que são valiosos membros de uma família muito especial. Em segundo lugar, necessitam saber que em algum lugar, e em algum tempo, eles ainda podem contribuir significativamente para a missão e podem, de alguma forma, ajudar alguém necessitado. Finalmente, os pastores jubilados precisam ter um foro de onde possam continuar partilhando a inspiração que recebem da própria experiência e das Escrituras.

Não raro, falamos da igreja e do ministério como sendo uma família. Se é assim, esse relacionamento dura toda a vida. Nunca houve um tempo em que alguns filhos de Deus não tivessem lugar à mesa. Portanto, os jubilados devem ter seu lugar assegurado à mesa da família de Deus. ☺



Eric Kohler

Os ADVENTISTAS E A POLÍTICA



Alberto R. Timm

Professor de Teologia
Histórica no Unasp,
e diretor do
Centro de Pesquisas
Ellen G. White

*É dever de
cada cidadão
adventista votar
conscientemente
em candidatos que
melhor reflitam
os ideais
biblicos*

Notícias sobre crises políticas e corrupção governamental acabam polarizando a opinião pública dos países afetados. É curioso ver, de um lado, políticos questionáveis se fazendo de vítimas para continuar recebendo o apoio popular e, do outro lado, opositores aproveitando a situação para se autoproclamarem os únicos “salvadores” da pátria. Ao mesmo tempo em que vários políticos tradicionais vão perdendo a credibilidade, algumas denominações evangélicas têm se mobilizado politicamente a ponto de montarem suas próprias bancadas em câmaras de vereadores, assembleias legislativas, na Câmara dos Deputados e mesmo no Senado Federal. Tais bancadas se formam sob a alegação de que os políticos evangélicos são mais honestos e confiáveis.

A crescente militância política evangélica tem suscitado algumas indagações importantes entre os próprios adventistas: Deveríamos continuar politicamente passivos ou assumir uma postura mais agressiva diante das crises governamentais? Como a Igreja Adventista do Sétimo Dia encara a candidatura de alguns de seus membros a cargos públicos? Que critérios devem ser usados na escolha dos candidatos a quem daremos o voto?

No capítulo “Nossa atitude quanto à política”, do livro *Obreiros Evangélicos*, págs. 391-396 (ver também *Fundamentos da Educação Cristã*, págs. 475-484), podem ser encontradas importantes orientações sobre o não envolvimento de obreiros em questões políticas. Já o presente artigo menciona alguns conceitos básicos sobre a posição dos adventistas como cidadãos, candidatos e eleitores.

ORGANIZAÇÃO APOLÍTICA

Existem pelo menos três princípios fundamentais que regem a posição adventista sobre a política. Um deles é o princípio da separação entre Igreja e Estado, levando cada uma dessas entidades a cumprir suas respectivas funções sem interferir nos negócios da outra. A Igreja crê que só poderá preservar esse princípio mantendo-se *apolítica*, não se posicionando nem a favor e nem contra quaisquer regimes ou partidos políticos. Essa postura deve caracterizar, não apenas a organização adventista em todos os seus níveis, mas também todas as instituições por ela mantidas, todas as congregações locais e todos os obreiros assalariados.

Nos ensinamentos de Cristo e dos apóstolos, a Igreja encontra base suficiente para evitar qualquer militância política institucional. O cristianismo apostólico cumpria sua missão evangélica sob as estruturas opressoras do Império Romano sem se voltar contra elas. O próprio Cristo afirmou que Seu reino “não é deste mundo” e que, portanto, Seus ministros não empunham bandeiras políticas (João 18:36). Qualquer compromisso político ou partidário por parte da denominação dificultaria a pregação do “evangelho eterno” a todos os seres humanos indistintamente (Mat. 24:14; Apoc. 14:6).

Outro princípio fundamental é que o nível de justiça social de um país é diretamente proporcional ao nível de justiça individual dos seus cidadãos, e que essa justi-

ça individual, por sua vez, deriva do interior da própria pessoa. Reconhecendo as dimensões sociais do pecado, a Igreja apóia e mesmo participa de projetos sociais e educacionais que beneficiem a vida comunitária e que não estejam em conflito com os princípios bíblicos. Muitos desses projetos são levados a efeito em nome da Agência de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais, Adra. No entanto, a Igreja não participa de quaisquer greves e passeatas de índole política e partidária que comprometam sua postura apolítica.

A validade de uma perspectiva que parta do interior para o exterior do ser humano é destacada por Cristo, ao Ele afirmar que “de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, a malícia, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura” (Mar. 7:21 e 22). Conseqüentemente, a solução cabal para esses problemas não está na mera formulação de novas leis ou no ativismo revolucionário, e sim na conversão do ser humano. Nas palavras de Cristo, é necessário que, primeiramente, “o interior do copo” esteja limpo, “para que também o seu exterior fique limpo!” (Mat. 23:26).

Um terceiro princípio fundamental é que cada cristão adventista possui uma dupla cidadania – ele é, acima de tudo, cidadão do reino de Deus e, em segundo plano, cidadão do país em que nasceu ou do qual obteve a cidadania. Portanto, deve exercer sua cidadania terrestre com base nos princípios cristãos de respeito ao próximo. Mesmo desaprovando situações de injustiça e exploração social, a Igreja Adventista do Sétimo Dia procura se relacionar respeitosamente com o governo civil e os partidos políticos de cada país em que exerce suas atividades, sem com isso comprometer os princípios bíblicos.

Que o cristianismo não isenta os cristãos dos seus deveres civis é evidente na ordem de Cristo: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mar. 12:17). O Novo Testamento apresenta várias orientações a respeito do dever cristão de honrar os governos civis como instituídos por Deus (ver Rom. 13:1-7; Tito 3:1 e 2; 1 Ped. 2:13-17). Somente quando tais governos obrigam seus súditos a transgredirem as leis divinas é que o cristão deve assumir a postura de que

“antes, importa obedecer a Deus do que aos homens” (Atos 5:29).

CANDIDATOS ADVENTISTAS

Entre os direitos do cidadão cristão adventista está o de exercer cargos públicos. O Antigo Testamento menciona vários membros do povo de Deus que ocuparam funções de projeção no governo de grandes nações pagãs. Por exemplo, José foi por muitos anos primeiro-ministro do Egito, a mais importante nação da época (Gên. 41:38-45). Colocado por Deus sobre o trono daquele país (Gên. 45:7 e 8), José se manteve “puro e imaculado na corte do rei”, e foi “um representante de Cristo” aos egípcios (*Medicina e Salvação*, pág. 36; *Patriarcas e Profetas*, págs. 368 e 369). Daniel exerceu importantes cargos governamentais em Babilônia sob o reinado de Nabucodonosor, Belsazar, Dario e Ciro (Dan. 2:48 e 49; 5:11, 12 e 29; 6:1-3 e 28; 8:27). Com um apego incondicional aos princípios divinos, Daniel e seus companheiros foram embaixadores do verdadeiro Deus na corte desses reis.

A postura de José e Daniel nas cortes pagãs do Egito e de Babilônia, respectivamente, corrobora o fato de que é impossível ser cristão sob governos não comprometidos com a religião bíblica. Mas o aprisionamento de José (Gên. 39:7-23), o teste alimentar de Daniel e seus três companheiros (Dan. 1), a passagem desses três companheiros pela fôrnalha de fogo (Dan. 3) e a experiência de Daniel na cova dos leões (Dan. 6) comprovam que há um preço elevado a ser pago por aqueles que exercem cargos públicos em ambientes hostis à verdadeira religião. O exemplo do rei Salomão deixa claro que boas intenções iniciais (II Crôn. 1:1-13) podem ser corrompidas pela influência de ambientes vulgares (I Reis 11:1-15). Já a atitude do rei Ezequias para com a embaixada de Babilônia comprova que governantes tementes a Deus correm o risco de se orgulharem de suas próprias conseqüências (II Reis 20:12-19).

José e Daniel foram nomeados para suas funções pelos próprios monarcas da época. Mas hoje, na maioria das democracias modernas, as pessoas precisam se candidatar e concorrer a tais funções, em um processo bem mais competitivo. O fato de existirem políticos corruptos não significa que todo político seja corrupto. Embora a Igreja

Adventista do Sétimo Dia, normalmente, não encoraje nem desestime a candidatura política de seus membros, ela também reconhece que a sociedade contemporânea tem sido beneficiada pelo bom exemplo de alguns políticos adventistas que concorrem honestamente a determinados cargos públicos e os exercem dignamente, sem comprometerem com isso os princípios bíblicos. A influência positiva desses políticos tem sido decisiva, em vários países, para o estabelecimento de legislações que facilitam a observância do sábado.

A Igreja espera que os candidatos adventistas sejam honestos em sua campanha e, se eleitos, também no exercício de suas funções. Cada candidato deve conduzir seu processo político-eleitoral sem assumir posturas ideológicas e partidárias contrárias aos princípios cristãos; sem se valer de recursos financeiros impróprios; sem prometer o que não possa cumprir;

“Consciente de sua missão no mundo, a Igreja Adventista se mantém apolítica”

sem denegrir a reputação de outros candidatos igualmente honestos; sem se envolver com coligações não condizentes com a fé cristã adventista; sem jamais comprometer a observância do sábado em suas campanhas; e sem minimizar seu compromisso pessoal com o estilo de vida adventista, em coquetéis e confraternizações sociais.

Conheço igrejas que enfrentaram sérias desavenças internas pelo fato de alguns dos seus membros se candidatarem a vereadores por partidos rivais. É certo que os membros têm o direito, como cidadãos, de se candidatarem e concorrerem a cargos elegíveis, bem como de procurarem convencer outros a neles votarem. Porém, nenhuma programação oficial de qualquer congregação adventista deve ser usada como plataforma política. Candidatos

adventistas que usam eventualmente o púlpito devem pregar o evangelho, sem jamais falar sobre política. Deus poderá abençoar ricamente os candidatos que exercerem honestamente sua cidadania, respeitando a posição apolítica da Igreja e de seus obreiros, e promoverem a cordialidade e a unidade entre nossas congregações.

ELEITORES ADVENTISTAS

É dever de cada cidadão adventista escolher conscientemente em quem votar. O princípio básico é sempre votar em candidatos cujas ideologia, crenças, propostas e estilo de vida se aproximem o máximo dos princípios cristãos adventistas. Entre os princípios mais importantes estão os seguintes: liberdade religiosa, separação entre Igreja e Estado, observância do sábado, conduta moral, temperança cristã, apoio ao sistema educacional privado mantido pela Igreja e a tentativa de melhorar a qualidade de vida das classes sociais economicamente menos favorecidas.

Ellen G. White adverte contra votar em candidatos sem compromisso com a liberdade religiosa: “Não podemos, com segurança, votar por partidos políticos; pois não sabemos em quem votamos. Não podemos, com segurança, tomar parte em nenhum plano político. Não podemos trabalhar para agradar a homens que irão empregar sua influência para reprimir a liberdade religiosa, e pôr em execução medidas opressivas para levar ou compelir seus semelhantes a observar o domingo como sábado. O primeiro dia da semana não é um dia para ser reverenciado. É um falso sábado, e os membros da família do Senhor não podem ter parte com os homens que o exaltam, e violam a lei de Deus, pisando Seu sábado. O povo de Deus não deve votar para colocar tais homens em cargos oficiais; pois assim fazendo, são participantes nos pecados que eles cometem enquanto investidos desses cargos.” – *Fundamentos da Educação Cristã*, pág. 475.

Um dos maiores problemas na escolha de candidatos é a teoria de que “os fins justificam os meios”. Se determinado candidato, mesmo sem compromisso com os princípios mencionados, promete beneficiar financeira ou politicamente a Igreja, alguns líderes julgam pertinente apoiar tal candidato em troca desses favores. Mas esse tipo

de barganha jamais deveria ser tolerado entre nós. Acima de quaisquer benefícios coletivos ou individuais deve estar o compromisso com os princípios da Palavra de Deus.

Alguns creêm erradamente que, votando em candidatos adventistas, estão ao mesmo tempo promovendo a liberdade religiosa e postergando os eventos finais. Mas é dever de todo adventista exercer sua influência em favor da liberdade religiosa (*Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 375; *Testemunhos Para Ministros*, págs. 200-203), contribuir positivamente para a finalização da pregação do evangelho (Mat. 24:14; 28:18-20) e deixar os eventos finais por conta de Deus (Atos 1:6-8).

“Acima de qualquer barganha política, está nosso compromisso com a palavra de Deus”

Como membros do corpo de Cristo (I Cor. 12:12-31), deveríamos acabar com a falsa teoria de que “adventista não deve votar em adventista”. Essa teoria só é aplicável a candidatos que não têm vida condizente com os princípios adventistas ou cuja candidatura visa apenas a obter benefícios pessoais, sem uma proposta política adequada. Contudo, por outro lado, se os candidatos adventistas são os que mais se aproximam dos princípios bíblicos e se eles possuem boa proposta política, não existe qualquer justificativa plausível para se descartar esses candidatos.

Deveria ser considerada também a questão das eleições no sábado, em países em que a votação é obrigatória (ver artigo “Os adventistas e a eleição no sábado”, *Revista Adventista*, julho de 1986, págs. 19 e 20). A recomendação é que isso seja evitado. O referido artigo foi escrito como apelo aos políticos brasileiros para que houvesse um “prolongamento das horas para o exercício do voto, de tal maneira que os adventistas possam votar depois do pôr-do-sol do sábado”. A declaração de que Ellen G. White votaria até

mesmo “no sábado” refere-se à causa da temperança, ou seja, à lei seca de proibição da venda de bebidas alcoólicas, em Des Moines, Iowa, em 1881 (ver Arthur L. White, *Ellen G. White*, vol. 3, págs. 158-161). Mas essa declaração não provê qualquer endosso à votação política em dia de sábado.

TESTEMUNHO PELO VOTO

A Igreja Adventista do Sétimo Dia sempre manteve uma posição oficial de não ser a favor nem contra qualquer regime ou partido político. Essa posição é mantida em todos os níveis institucionais da denominação, inclusive nas congregações locais. Os obreiros assalariados pela denominação devem manter a mesma postura. Nenhum púlpito adventista e nenhuma reunião promovida oficialmente jamais deveriam desfraldar qualquer bandeira política. O púlpito é um lugar de onde o evangelho eterno deve ser proclamado com o propósito de conduzir à salvação em Cristo pessoas de todas as etnias e de todos os partidos políticos, sem preferências e discriminações.

Em contraste, a Igreja faculta aos seus membros o direito individual de exercer sua cidadania, inclusive o de se candidatar a cargos públicos e exercê-los dignamente. Tanto no processo eleitoral como no exercício da função, espera-se que cada adventista engajado em tais atividades mantenha uma postura digna de verdadeiro cristão. Todos os políticos adventistas deveriam considerar José e Daniel seus modelos. Deveriam sentir que é seu dever zelar pessoal e publicamente pela liberdade religiosa e pelos princípios cristãos em um mundo carente dos valores absolutos da verdadeira religião bíblica.

Os membros da igreja deveriam votar conscientemente nos candidatos que melhor refletem os ideais da Palavra de Deus. A escolha dos candidatos não deve ser tanto por partido político, mas pela ideologia e pelos valores pessoais de cada um. Candidatos adventistas não deveriam ser discriminados simplesmente por serem adventistas, exceto se não demonstrarem conduta digna ou não possuem um plano adequado de governo. O voto de cada adventista deveria ser um testemunho autêntico a favor da liberdade religiosa que facilite o cumprimento da missão nestes dias finais da história humana. ❖

SEGREDOS DO SERMÃO EFICAZ



Jud Lake

Professor de Homilética e Teologia Pastoral na Universidade Adventista do Sudeste, Estados Unidos

*A unção
do Espírito é a
suprema bênção.
O pregador
não deve se
contentar com
nada menos
que isso*

A capacitação do Espírito Santo é indispensável à pregação cristã. Os pregadores podem ser capazes de apresentar a letra da Palavra de Deus e prender a atenção dos ouvintes com histórias interessantes e utilização dos modernos recursos da informática. Mas, a sementeira do evangelho não terá êxito sem o vivificante poder do Espírito Santo.¹

Eruditos da pregação têm descrito essa capacitação como “a sagrada unção”,² “unção divina”³ e “aprovação de Deus”.⁴ Em anos recentes, esse assunto tem recebido significativa atenção na literatura homilética. Arturo G. Azurdia III, por exemplo, escreve que “o poder do Espírito Santo é a condição *sine qua non* da pregação do evangelho, a única coisa sem a qual nada mais importa”.⁵

Ele afirma: “Alguns podem ficar surpresos ao descobrirem que, quando o Espírito de Deus unge a pregação da Palavra, um dos indicadores comuns é um apurado senso de quietude; não gritaria e êxtase, mas um silêncio fora do comum. A tosse e o pigarreio cessam. O incessante movimento de pessoas é superado por solene calma. E, subitamente, embora as feições do pregador e o timbre de sua voz sejam particularmente seus, as palavras que saem de sua boca parecem ter sido enviadas pelo Céu.”⁶

Que deveria o pregador fazer, para experimentar a sagrada unção? Nesse sentido, sugiro sete hábitos baseados na Escritura e no testemunho de pregadores experientes. Entretanto, é vital lembrar que esses hábitos são uma expressão do nosso desejo de cooperar com o Espírito de Deus, na concessão que Ele nos faz de guia e capacitação. Não são armas com as quais devemos tentar monopolizá-Lo em prol de nossos objetivos pessoais.

1. PRIORIZE A ORAÇÃO E A PREGAÇÃO

Esse hábito reflete a prática dos apóstolos na igreja primitiva: “E, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da Palavra” (Atos 6:4). Em vez de entregar-se à pressão dos ministérios sociais, que também consideravam importantes (Atos 6:3), eles estabeleceram como prioridades orar e ministrar a Palavra. Como resultado, “crescia a Palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé” (Atos 6:7).

Essas prioridades apostólicas devem ser também as nossas. “Se você é pastor”, declara David Eby, “suas prioridades, seu chamado e seu foco estão determinados. Não existe ‘se’, ‘mas’ nem ‘talvez’. Oração e pregação constituem os primeiros itens de sua agenda.”⁷ Assim, vamos orar todos os dias, apaixonadamente, fervorosamente e com determinação. Façamos da oração a “força proeminente que impregna e dá colorido ao preparo e à apresentação da mensagem”.⁸ Trabalhemos diligentemente no sermão, durante toda a semana, interpretando fielmente, aplicando e ilustrando o texto.

2. VIGIE-SE ININTERRUPTAMENTE

Em sua mensagem de despedida aos anciãos de Éfeso, Paulo os advertiu: “Aten- dei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bis-

pos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual Ele comprou com o Seu próprio sangue” (Atos 20:28).

Richard Baxter, famoso pastor puritano na Inglaterra, no século 17, comentou esse texto, escrevendo a pregadores: “Cuidem para que a obra da graça salvadora esteja inteiramente acabada em sua própria alma. Tenham cuidado de si mesmos, para que não fiquem vazios da graça que oferecem a outros, nem sejam estranhos à efetiva operação do evangelho que pregam. Não aconteça que, enquanto proclamam ao mundo a necessidade de um Salvador, vocês O negligenciem, desinteressando-se por Ele, e percam Sua bênção salvadora.”⁹

Essas palavras devem ser memorizadas por todo pregador. Como alguém pode esperar ser ungido pelo Espírito no púlpito, sem uma entrega diária a Seu poder transformador? Portanto, “tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes” (1 Tim. 4:16).

3. EXALTE CRISTO E ESTE CRUCIFICADO

A pregação apostólica estava permeada com a pessoa e obra de Jesus Cristo (Atos 5:42; 8:5 e 35; 9:20; 11:20; 17:2). O foco central de Paulo era Cristo: “Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1 Cor. 2:1 e 2).

Enquanto nos envolvemos no preparo de sermões, mantenhamos na mente a “verdade mais central ... ao pesquisarmos as Escrituras – Cristo e Ele crucificado”. Ellen G. White lembra os pregadores no sentido de que “todas as outras verdades são revestidas de influência e poder correspondentes à sua relação com esse tema”.¹⁰ Exaltemos Jesus em nossos sermões, não permitindo que nada mais O supere.

4. HUMILHE-SE DIANTE DE DEUS

“E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana; e, sim, de Deus” (1 Cor. 2:3-5).

Uma das mais notáveis características dessas palavras é a ausência de

confiança própria. Pondo de lado sua habilidade retórica e descartando suas inclinações filosóficas, Paulo transmitia suas mensagens à igreja de Corinto com exclusiva confiança no poder do Espírito Santo para transformar vidas. Sua pregação, “não era uma exposição de palavras sedutoras ou de sabedoria humana”, diz H. M. S. Richard, “mas ‘uma demonstração’, evidência e prova, ‘do Espírito e de poder.’”¹¹ Paulo humilhava-se a si mesmo e colocava sua confiança no poder de Deus, em vez de na sabedoria humana.

A força da pregação não reside em falar alto, gesticulação, eloquentemente sermoneização, argumentos brilhantemente entrelaçados; mas na “demonstração do Espírito e de poder”. E essa experiência começa no estudo, quando nos humilhamos e nos rendemos ao poder do Espírito.

“Nossa grande força está em compreender e sentir nossa fraqueza.”¹²

A força da pregação reside na demonstração do Espírito e de poder

5. PREGUE PARA SI MESMO

Richard Baxter era defensor da ideia de os pregadores pregarem para si. “Primeiramente, preguem para si mesmos”, ele admoestou, “antes de pregar para o povo, e com maior zelo.”¹³

Baxter argumenta que todo cristão deve pleitear com seu próprio coração, “utilizando a linguagem mais comovente e afetuosa, persuadindo-o com os mais poderosos e convincentes argumentos”. Esse soliloquio, ou “pregação para o próprio ser”,¹⁴ como ele descreve, tem uma aplicação poderosa para os pregadores contemporâneos. Necessitamos tomar nossos sermões e, zelosa e apaixonadamente, pregá-los para nós mesmos, atentando para nossas admoestações e permitindo que o Espírito opere em nosso coração, antes de levar a mensagem às pessoas.

6. ORE POR CAPACITAÇÃO

“Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espí-

rito Santo àqueles que Lho pedirem” (Luc. 11:13). Essa promessa é aplicável a todos os cristãos e, de modo especial, aos pregadores. Portanto, acheguemo-nos a Deus e supliquemos-Lhe diariamente que cumpra em nós Sua promessa. Jamais deixemos de pedir; jamais nos cansemos de reivindicar a eficácia do Seu poder para nossos sermões.

Martin Lloyd-Jones aconselha: “Busque-O! Busque-O! Que podemos fazer sem Ele? Busque-O sempre! Mais que isso, insista! ... Esta unção é a suprema bênção. Busque-a, até obtê-la. Não se contente com nada menos.”¹⁵

7. CERTIFIQUE-SE DA PRESENÇA DO ESPÍRITO

Para se chegar ao púlpito do Tabernáculo Metropolitano, onde Charles H. Spurgeon pregou durante os anos 1800, era preciso subir quinze degraus que formavam uma extensa curva. Conta-se que quando ele subia cada um daqueles degraus, em direção ao púlpito, fazia-o repetindo para si mesmo: “Eu creio no Espírito Santo”

Sugiro que, durante o preparo do sermão e ao nos aproximarmos do púlpito para entregá-lo ao povo, façamos silenciosamente esta oração: “Eu creio no Espírito Santo e suplico Sua unção sobre mim, enquanto apresento a mensagem.” Então, preguemos apaixonadamente, na confiança de que Deus nos ouvirá e atenderá. Ao finalizarmos o sermão, agradeçamos a Deus pela graciosa presença do Seu Espírito e deixemos os resultados em Suas mãos. ☩

Referências:

- 1 Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, págs. 284-289.
- 2 Tony Sargent, *The Sacred Anointing: The Preaching of Dr. Martin Lloyd-Jones* (Wheaton, Ill: Crossway Books, 1994).
- 3 E. M. Bounds, *Power Through Prayer* (Chicago: Moody Press, 1979), pág. 101.
- 4 D. Martin Lloyd-Jones, em Tony Sargent, *Revival*, (Wheaton, Ill: Crossway Books, 1987), pág. 295.
- 5 Arturo G. Azurdia III, *Spirit Empowered Preaching: Involving the Holy Spirit in Your Ministry* (Ross-shire, Inglaterra: Mentor, 1998), pág. 100.
- 6 *Ibidem*, págs. 111 e 112.
- 7 David Eby, *Power Preaching for Church Growth: The Role of Preaching in Growing Churches* (Ross-shire, Inglaterra: Mentor, 1998), pág. 29.
- 8 E. M. Bounds, *Op. Cit.*, pág. 41.
- 9 Richard Baxter, *The Reformed Pastor* (Carlisle, Penn: Banner of Truth Trust, 1994), pág. 56.
- 10 SDABC, vol. 6, pág. 1084.
- 11 H. M. S. Richards, *Fed My Sheep* (Review and Herald Publishing Association, 1958), pág. 169.
- 12 Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 5, pág. 70.
- 13 Richard Baxter, *The Practical Works of Richard Baxter* (Ligonier, Penn: 1990), vol. 4, pág. 974.
- 14 _____, *The Practical Works*, vol. 3, pág. 316.
- 15 Martin Lloyd-Jones, *Op. Cit.*, pág. 325.

ECOS DE UM CONCÍLIO



Tim Crosby

Pastor em Eoonsboro,
Maryland,
Estados Unidos

*Decisões
apostólicas
reprovam a
moderna
tendência de
desconsiderar o
Antigo Testamento*

Em Atos 15, encontramos a liderança da igreja primitiva reunida para resolver um impasse: “Alguns indivíduos que desceram da Judéia ensinavam aos irmãos: Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos. Tendo havido, da parte de Paulo e Barnabé, contenda e não pequena discussão com eles, resolveram que esses dois e alguns outros dentre eles subissem a Jerusalém, aos apóstolos e presbíteros, com respeito a esta questão” (Atos 15:1 e 2).

Por esse tempo, a circuncisão de judeus convertidos ao cristianismo era assunto debatido entre os prosélitos judeus na comunidade cristã. Josefo fala de Helena, rainha de Adiabene, e seu filho Izate, que abraçaram o judaísmo através de um comerciante chamado Ananias. Izate temeu que seus súditos não o aceitassem, caso fosse circuncidado, e Ananias assegurou-lhe que esse rito não era a coisa mais importante: “O rei poderia, disse Ananias, adorar a Deus mesmo sem ser circuncidado, se na verdade estivesse plenamente decidido a ser um devoto do judaísmo, pois isso contava mais que a circuncisão. Depois, falou também que Deus poderia perdoá-lo, se, constringido pela necessidade e temendo a reação dos súditos, ele não cumprisse o ritual. Assim, o rei foi convencido pelos argumentos. Depois, como renunciara completamente a seu desejo, um outro judeu, chamado Eleazar, vindo da Galiléia e considerado muito exigente quanto às leis, obrigou-o a cumprir o ritual.” – *Antiguidades* 20.41-3, Loeb.

Entre outras coisas, essa história nos diz que agentes judeus viajavam pelo Império, alguns advogando uma política frouxa quando à circuncisão; outros eram mais exigentes. O Concílio de Jerusalém tratou da questão em 45 a. D. Depois de muita discussão, argumentos de Pedro e Tiago cristalizaram o consenso que foi documentado. Aos gentios foi ordenado abster-se “das coisas sacrificadas a ídolos, bem como do sangue, da carne de animais sufocados e das relações sexuais ilícitas” (Atos 15:29).

Gerações de eruditos têm-se perguntado que processo de raciocínio levou os apóstolos a essa conclusão. Em que basearam sua decisão?

PRECEDENTE LEVÍTICO

Sob a direção do Espírito Santo (Atos 15:28), os apóstolos encontraram na Torá uma passagem que poria abaixo regras aplicadas a estrangeiros que viviam entre os judeus. Note como o decreto de Atos 15:29 segue a ordem textual de Levítico. Cada segmento repete que a lei se aplica aos não judeus:

“*Que vos abstenhais das coisas sacrificadas a ídolos*”. Conversos ao cristianismo já não deveriam oferecer sacrifícios a ídolos; “isso lhes será por estatuto perpétuo nas suas gerações. Dize-lhes, pois: Qualquer homem da casa de Israel ou dos estrangeiros que peregrinam entre vós que oferecer holocausto ou sacrifício e não o trouxer à porta da tenda da congregação, para oferecê-lo ao Senhor, esse homem será eliminado do Seu povo” (Lev. 17:7-9).

“... do sangue”. “Qualquer homem da casa de Israel ou dos estrangeiros que peregrinam entre vós, que comer algum sangue, contra ele Me voltarei e o eliminarei do seu povo. Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida. Portanto, tenho dito aos filhos de Israel: Nenhuma alma de entre vós comerá sangue, nem o estrangeiro que peregrina entre vós o comerá. Qualquer homem dos filhos de Israel ou dos estrangeiros que peregrinam entre vós que caçar animal ou ave que se come derramará o seu sangue e o cobrirá com pó. Portanto, a vida de toda carne é o seu sangue; por isso, tenho dito aos filhos de Israel: Não comereis o sangue de nenhuma carne, porque a vida de toda carne é o seu sangue; qualquer que o comer será eliminado” (Lev. 17:10-14).

“da carne de animais sufocados”. “Todo homem, quer natural, quer estrangeiro, que comer o que morre por si ou dilacerado lavarás as suas vestes, banhar-se-á em água e será imundo até à tarde; depois será limpo. Mas, se não as lavar, nem banhar o corpo, levará sobre si a sua iniquidade” (Lev. 17:15 e 16).

“e das relações sexuais ilícitas”. “Disse mais o Senhor a Moisés: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: Eu sou o Senhor, vosso Deus. Não fareis segundo as obras da terra do Egito, ... Nenhum homem se chegará a qualquer parenta da sua carne para lhe descobrir a nudez. Eu sou o Senhor. Não descobrirás a nudez de teu pai e de tua mãe; ela é tua mãe; ... Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; é abominação. Nem te deitarás com animal, ... nenhuma destas abominações fareis, nem o natural, nem o estrangeiro que peregrina entre vós” (Lev. 18).

Esses dois capítulos de Levítico oferecem um paralelo mais forte com Atos 15 que a aliança de Noé (Gênesis 9), a qual proibia ingerir sangue, mas nada dizia sobre alimentos sacrificados a ídolos, animais sufocados ou imoralidade. O raciocínio apostólico é óbvio: as leis de Levítico 17 e 18 se referem explicitamente aos prosélitos gentios. A palavra ali traduzida como “estrangeiro” é o termo grego *proselytos*, usado na Septuaginta.

LONGA VIGÊNCIA

Alguns expositores modernos argumentam que o decreto apostólico era

somente provisório e temporário. Mas fontes documentais sugerem de outro modo. O Apocalipse faz alusão ao decreto: “Tenho, todavia, contra ti algumas coisas, pois que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava a Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição” (Apoc. 2:14). O verso 20 repete o assunto.

Ao citar por duas vezes a última estipulação do decreto apostólico, João realça sua ligação ao todo. Não há dúvida de que ele está implícito no texto, pois o verso 24 se refere novamente a ele – “pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo” (cf. Atos 15:28). Evidentemente, alguns cristãos no fim do primeiro século não o consideravam importante. Porém, João o reputou como herético. A posição joanina prevaleceu na igreja do segundo século. O *Didaqué*, uma espécie de “manual” da igreja primitiva, escrito por volta de 100 a. D., estabelece: “Conservai-vos estritamente longe dos alimentos sacrificados a ídolos, pois isso envolve culto a deuses mortos” (6:3).

Segundo Justino Mártir, os cristãos “enfrentavam tortura, até o extremo da morte, a prestar culto ou comer alimentos sacrificados a ídolos”. Eusébio considerava heresia o ensinamento de que não havia mal na comida sacrificada a ídolos.

Na segunda metade do segundo século, os cristãos ainda eram proibidos de ingerir sangue de animais. Finalmente, os bispos da igreja cristã, em ação até a captura de Jerusalém por Adriano, por volta de 135 a. D., eram judeus e, certamente, reforçaram o decreto. Evidências sugerem que esse decreto ainda era considerado normativo até muito depois de o Novo Testamento ser completado.

O CONCÍLIO E A TORÁ

É impossível manter que a liderança da igreja tencionava por à parte a Torá, quando a decisão tomada estava fundamentada nesses escritos. Deve ser lembrado que o decreto apostólico isentava da circuncisão apenas os crentes gentios. Isso está implícito não apenas em Atos 15, mas também num diálogo entre Tiago e Paulo, relatado em Atos 21:20-25. Eis o que Tiago disse a Paulo: “Bem vê, irmão, quantas dezenas de milhares há entre os judeus que cre-

ram, e todos são zelosos da lei; e foram informados a teu respeito que ensinas todos os judeus entre os gentios a apostatarem de Moisés, dizendo-lhes que não devem circuncidar os filhos, nem andar segundo os costumes da lei... Quanto aos gentios que creram, já lhes transmitimos decisões para que se abstenham das coisas sacrificadas a ídolos, do sangue, da carne de animais sufocados e das relações sexuais ilícitas.”

Parece que Tiago e os anciãos censuravam Paulo por supostamente ensinar que os cristãos judeus já não estavam ligados à lei (21:21), em violação ao acordo de 15:19, que isentava apenas cristãos gentios (21:25). Isso explica o pedido dos anciãos a Paulo (21:23-27) para que apoiasse quatro irmãos judeus na observância de um voto, provavelmente o nazireado (Núm 6), como prova de que ele estava “guardando a lei”.

Não está claro se Paulo concordou com Tiago no sentido de que judeus crentes deveriam ser circuncidados. Em I Coríntios 7:19, ele escreve: “A circuncisão, em si, não é nada; a incircuncisão também nada é, mas o que vale é guardar as ordenanças de Deus.” E também não faz distinção entre conversos judeus e gentios.

Entretanto, o assunto deveria manifestar-se apenas no contexto de gentios conversos, embora seja improvável que Paulo tivesse impedido que os conversos judeus circuncidassem seus filhos. Seja como for, sua aquiescência aos anciãos (Atos 21:26) e a circuncisão de Timóteo (16:3) mostram sua submissão à liderança da igreja.

Posteriormente, ele certificou-se de estar cerimonialmente puro para entrar no templo (Atos 24:18); assim, ele mesmo observava parte dos rituais, tornando-se judeu para ganhar os judeus (I Cor. 9:20). Parece que também apoiou, em princípio, a proibição contra alimentos oferecidos a ídolos (I Cor. 10:14-21), embora criasse uma brecha onde a origem do alimento era incerta (10:25-28).

DIFERENÇAS IRRESOLVIDAS

Ficará mais fácil compreender o debate do Novo Testamento sobre a lei, se admitirmos a possibilidade de que Paulo e os doze tinham diferenças de opinião sobre o assunto. Gálatas 2:12 parece sugerir que os oponentes de Paulo, em Atos 15:1 e 5, estavam alinhados, em alguma forma, com Tiago.

Porém, uma coisa é clara: os fundadores judeus do cristianismo consideravam-se não uma religião separada, mas uma seita judaica conhecida como “o Caminho” (Atos 9:2; 19:9 e 23; 22:4; 24:5, 14 e 22; 28:22).

Paulo via o cristianismo como cumprimento do judaísmo, e cristãos gentios como verdadeiros judeus: “Porque nós é que somos a circuncisão” (Filip. 3:3). “Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne. Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus” (Rom. 2:28 e 29). “Isto é, estes filhos de Deus não são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa” (Rom. 9:8). “Sabei, pois, que os da fé é que são filhos de Abraão”; “E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gál. 3:7 e 29).

No fim do primeiro século, João se recusou a permitir aos judeus étnicos o direito de reivindicar o título “judeu” (Apoc. 2:9; 3:9). A igreja chamava-se “Israel”; os apóstolos a viam como legítima continuação do povo da aliança. Acreditavam-se judeus autênticos. Não apenas descartaram as escrituras judaicas e começaram do nada, mas descartaram certas “ordenanças da carne, ... impostas até ao tempo oportuno de reforma” (Heb. 9:10).

É essencial lembrar que o cristianismo primitivo era derivado do Antigo Testamento. Evangelistas cristãos não pregaram textos cristãos antes da destruição de Jerusalém e, provavelmente, não até o segundo século. Sua mensagem estava baseada no cânon da comunidade de seus pais. O judaísmo, assim como a pregação adventista contemporânea, apela somente ao cânon cristão tradicional, ignorando qualquer escrito autoritativo posterior.

Os apóstolos ficariam assustados com a moderna noção evangélica de que nada no Antigo Testamento é válido a não ser o que é repetido no Novo. Paulo cria que “toda Escritura [Antigo Testamento] é inspirada por Deus e útil para o ensino” (II Tim. 3:16). “Anulamos, pois, a lei pela fé? Não, de maneira nenhuma! Antes, confirmamos a lei” (Rom. 3:31).

Lucas lembra as palavras de Cristo: “É mais fácil passar o céu e a Terra do

que cair um til sequer da lei” (Luc. 16:17). E também relata o testemunho de Paulo na corte romana: “eu sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as coisas que estejam de acordo com a lei e nos escritos dos profetas” (Atos 24:14).

Se os apóstolos não descartaram a Torá, como poderiam colocar à parte a circuncisão para gentios? Devemos notar que o concerto de Deus com Abraão (Gên. 17:10-14) estabelece que a circuncisão deve ser aplicada apenas aos descendentes do patriarca e seus servos; não aos estrangeiros que vissem entre eles. Êxodo 12:43-38 implica que o estrangeiro que visse entre os judeus normalmente não era circuncidado, a menos que desejasse participar da Páscoa.

OS DEZ MANDAMENTOS

Atos 15 não menciona o Decálogo. A ordem apostólica de abstenção da imoralidade ou fornicção (*porneia*) refere-se a Levítico 18; não ao sétimo mandamento que proíbe o adultério (*moicheia*). Esses dois termos são usados na literatura greco-judaica, sendo *porneia* raramente aplicado ao sétimo mandamento.

Acaso, a falta de menção dos dez mandamentos em Atos 15 implicaria sua caducidade para os cristãos? Teria o concílio apostólico facilitado a adoração de outros deuses, uso do nome de Deus em vão, desconsideração pelo sábio, assassinio, roubo, adultério, falso testemunho, etc.? Seria um crasso absurdo. Os participantes daquele concílio tinham como pressuposto a validade dos princípios do Decálogo, o que explica as referências feitas a ele no Novo Testamento, desde as palavras de Deus: “Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos” (Mat. 19:17), à descrição dos santos como aqueles que “guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Apoc. 14:12).

É bom lembrarmos que o líder do Concílio de Jerusalém, em Atos 15, foi Tiago, irmão de Jesus, que tinha a mais alta consideração pela lei. Isso está claro não apenas em seu diálogo com Pau-

lo (Atos 21), mas também em sua epístola, onde ele chama o Decálogo de “lei perfeita”, “lei da liberdade” (Tia. 1:15; 2:8-12; 4:2, 4 e 11; 5:12). Tiago, o Justo, cuja tradição cristã lembra como um pio tradicionalista, vegetariano e abstêmio, jamais teria apoiado qualquer movimento para minar a autoridade do Decálogo.

O SÁBADO

Como vimos, alguns judeus criam que um prosélito poderia adorar a Deus sem ser circuncidado. Rejeitar a circuncisão não implicava necessariamente total rejeição da lei. Mesmo a rejeição da legislação mosaica não implica rejeição dos princípios básicos de adoração e regras de comportamento encerrados nos dez mandamentos. Como princípios universais desde a Criação, esses preceitos são aplicáveis a todas as pessoas.

Gênesis 26:5 diz, sobre Abraão: “guardou os Meus mandados, os Meus preceitos, os Meus estatutos e as Minhas leis.” Que o sábado era um desses preceitos está



claro em Gênesis 2:3; Êxodo 20:11; 16:23-30. Particularmente interessante é o texto de Êxodo 16:28 e 29, onde Deus disse, antes de dar a lei no Sinai: “Até quando recusareis guardar os Meus mandamentos e as Minhas leis? Considerai que o Senhor vos deu o sábado.”

Os judeus contemporâneos de Jesus observavam o sábado como uma ordenança que veio da criação. O movimento de Cristo tinha os princípios do Gênesis em alta estima. Podemos dizer que Sua teologia tendia ao restauracionismo (volta ao Éden), dentro do qual o material do Gênesis tem autoridade inspirada, que sobrepuja a autoridade mosaica em suas legislações. Por exemplo, em Marcos 10:2-12, Jesus inferioriza uma lei mosaica permitindo o divórcio, mencionando a prioridade que foi dada ao casamento na criação. Em Mateus 22:23-32, novamente Ele supera uma lei de Moisés, citando uma tradição patriarcal antiga do Gênesis (cf. João 7:22). Outro exemplo: Jesus defende o quinto mandamento contra uma legislação judaica que o anulava, em Marcos 7:8-13.

O ponto é que, se Jesus tendia a exaltar ordenanças

que vieram desde a criação, acima da legislação mosaica, é improvável que Seus seguidores virassem as costas ao sábado. Nem havia qualquer razão para fazê-lo. Decretos expedidos por imperadores romanos sempre permitiam que os judeus celebrassem o sábado em paz. Na verdade, esse dia se tornara uma realidade aceita, pelo menos em partes do mundo romano. Escreveu Josefo: “as massas têm, há muito, demonstrado um intenso desejo de adotar nossas ordenanças religiosas; e não há uma cidade, grega ou bárbara, nem uma única nação, na qual nosso costume de abster-nos de trabalhar no sétimo dia não tenha sido observado”.

Por volta de 200 a. D., Tertuliano reprovou os pagãos por adotarem o costume judaico de repousar no sábado: “Vocês têm escolhido um dia, de preferência a outros, como aquele no qual não tomam banho ou o adiam até a noite, e no qual dedicam-se ao descanso e se abstêm de festas. Com isso, estão voltando-se de sua própria religião para uma religião estrangeira, pois o sábado e ceia especial são cerimônias judaicas.”

Desde que o sábado foi vastamente aceito entre os romanos como dia de repouso, é mais que seguro dizer que sua observância não era problema na igreja primitiva. Depois do Concílio de Jerusalém, Paulo ainda continuou a adorar no sábado (Atos 17:1 e 2; 18:4), mesmo onde não havia sinagoga (Atos 16:13). Não é mais razoável assumir que o concílio apostólico aboliu o sábado do que assumir que também aboliu o casamento. Porém, as ordenanças da criação, anteriores a Moisés, simplesmente não estavam em discussão. Qualquer decisão de mudar o dia de repouso deveria ter gerado tanta controvérsia, que faria o debate sobre a circuncisão parecer uma tempestade num copo d'água. Basta compararmos o grau de atenção dado aos dois mandamentos no Antigo Testamento. Contudo, não temos relato de tal controvérsia.

SÁBADO E GENTIOS

O concílio mencionado em Atos 15 concluiu que a lei de Moisés como um todo não era

válida para os gentios, embora o fossem aquelas leis pertinentes aos “estrangeiros entre os judeus”. Essa realidade nos dá outro argumento para a permanente relevância do sábado nas comunidades do Novo Testamento. O sábado de Êxodo 20:10 é o único dos dez mandamentos que explicitamente se refere a judeus e gentios: “o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, ... nem o forasteiro das tuas portas para dentro”.

Tanto na língua hebraica (*ger*) como na grega (*proselutos*) a palavra para “forasteiro” aqui é a mesma de Levítico 17 e 18. Na Septuaginta – a versão autorizada do Antigo Testamento para cristãos de fala grega – o quarto mandamento requer que prosélitos gentios vivendo na comunidade observem o sábado. Êxodo 23:12 e Isaías 56:6 e 7 são outras passagens que mencionam o requerimento do sábado para os gentios.

A igreja cristã colocou à parte uma classe de leis que eram válidas para estrangeiros. A lei de Moisés requeria que o estrangeiro participasse nos sacrifícios rituais (Núm. 15:27-29; 19:10) e as festividades anuais que estavam intimamente ligadas a eles (Lev. 16:29; Deut. 16:11 e 14). Porém, os cristãos primitivos, junto com outros movimentos de reforma dentro do judaísmo, sustentavam que os serviços sacrificiais judaicos já não eram aceitáveis a Deus.

Hebreus 10:8 e 9 estabelece que Deus deixou de lado “sacrifícios e ofertas” e “holocaustos e oblações pelo pecado”. A morte de Jesus, o Cordeiro de Deus, tornou obsoletos os sacrifícios, mas não o sábado. Em suma, no mundo do Novo Testamento, o sábado era visto por alguns como uma ordenança desde a criação. Tornou-se bem conhecido e foi amplamente observado como um hábito prevaLENTE. Portanto, como fez com o casamento e o assassinato, o concílio apostólico de Atos 15 não se referiu a ele.

Além disso, o concílio manteve que as partes da Torá, aplicadas aos prosélitos, com exceção do serviço sacrificial, eram aplicáveis aos gentios cristãos, como é o caso explícito do quarto mandamento. Sem sombra de dúvida, os apóstolos e os gentios convertidos continuaram a guardar o sábado após o concílio de Atos 15. ✪



DUAS VIDAS, RICAS LIÇÕES



Daniel O. Plenc

Professor de Teologia e diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White, na Universidade Adventista Del Plata, Argentina

Para encontrarmos Pedro e Paulo, no Céu, a melhor indicação é procurá-los perto de Jesus

Os relatos da vida e experiência dos personagens bíblicos não perderam sua força ao longo do tempo. Ao contrário, nos cativam, motivam e nos provêm instrução. Na opinião de Ellen G. White, “estas histórias são de interesse vital. A ninguém são elas de maior importância do que aos jovens”.¹

Portanto, vamos refletir sobre quatro aspectos da vida de dois desses personagens – os apóstolos Pedro e Paulo –, com o objetivo de captar as lições que eles encerram e, sobretudo, sem deixar de notar a mão do Senhor conduzindo-os carinhosamente à vitória. Certamente, nos fará bem lembrar que essa poderosa mão também é capaz de guiar-nos em nossa jornada.

O CHAMADO

O convite para conhecer Jesus chegou a Pedro através de André, seu irmão. E Jesus não o rejeitou. Ao contrário, aceitou-o, vendo-o exatamente como era: impulsivo, mas afetuoso; ambicioso, porém simpático; autoconfiante, mas também capaz de se arrepender com sinceridade. Assim foi o primeiro encontro de Pedro com Cristo: sereno, sem estridências (João 1:40-42).

Depois, viria o chamado para a missão, às margens do mar da Galiléia, no alvorecer de um dia precedido por uma frustrante noite de pesca. Jesus entrou no barco, transformando-o em cátedra e púlpito. Seguiu-se a pesca milagrosa na hora menos propícia. Contudo, para Pedro, os peixes já não importavam muito. Aprendera a ver Jesus sob nova luz; testemunhara Seu poder sobrenatural. Além disso, viu-se também de modo diferente: impuro e pecador, ao mesmo tempo em que se agarrava fortemente ao Mestre. Aceitou o chamado e, dali em diante, seria um pescador de homens (Luc. 5:1-11). A partir de então, abandonou o ofício de pescador para dedicar-se inteiramente ao ministério apostólico.

Pedro era um pescador sem estudo, mas seu chamado demonstra que o Senhor pode preparar e usar instrumentos humildes. Por isso, Cristo chamou indivíduos que não tinham tanta confiança própria, mas possuíam disposição de aprender dEle.

A história de Paulo foi diferente. Seu encontro com Cristo foi dramático. Saulo de Tarso não era simplesmente um pescador da Galiléia, mas era um jovem rabino judeu e cidadão romano. Recebera a melhor educação em Jerusalém e ocupou função pública privilegiada, tendo diante de si uma carreira promissora. Em seu zelo religioso, chegou a ser perseguidor implacável do cristianismo. Foi com esse cruel propósito que se dirigiu a Damasco, quando recebeu a visão de Cristo. “Às portas de Damasco a visão do Crucificado mudou todo o curso de sua vida. O perseguidor tornou-se discípulo, o mestre, aluno.”² Em três dias, Saulo tornou-se um cristão batizado e pregador do evangelho (Atos 9:1-19).

Paulo era um mestre instruído, cujo chamado demonstra que Deus também pode usar indivíduos preparados e cultos. “O Salvador não desprezava a educação; pois,

quando regida pelo amor de Deus e consagrada a Seu serviço, a cultura intelectual é uma bênção.”³

Ao lembrarmos dos encontros de Pedro e Paulo com Jesus, não podemos esquecer nossa própria experiência. Vem-nos à lembrança a pessoa que nos estendeu o convite. De algum modo, ouvimos a respeito de Cristo, estudamos Sua Palavra e recebemos Seu chamado. Pode ter acontecido em momento de quietude e reflexão, ou de crise e preocupação. Seja como for, uma voz a que não pudemos resistir nos convidou a nos aproximarmos de Deus. É possível que o tenhamos sempre em mente, ou que nem nos lembremos com exatidão; mas o apelo celestial nos alcançou.

Ao mesmo tempo, devemos estar conscientes de que o Senhor usa todos os que respondem positivamente, além da cultura, dos talentos ou do preparo intelectual. O que importa não é o que temos, mas o que estamos dispostos a entregar; não o que recebemos, mas o que nos dispomos a dar; não o que acreditamos que podemos

ser, mas o que permitimos que Ele faça em nós e através de nós.

A CONVERSÃO

Aprender a desconfiar de si mesmo e a depender apenas de Cristo foi um longo processo na vida de Pedro. Até o fim do ministério terrestre de Jesus, esse discípulo se sentia muito seguro da decisão que tomara (Mar. 14:29-31). Era sincero, mas apoiava-se em lugar errado. Dormiu no Getsêmani, quando deveria permanecer em oração. Depois, fugiu, quando deveria ter estado presente.

Durante o julgamento, seguiu de longe a Jesus, quando deveria tê-Lo seguido de perto. Envergonhou-se e negou o Mestre, depois de ter prometido morrer por Ele. Escolheu a indiferença e o anonimato, quando eram necessárias testemunhas valentes. Foi covarde diante do ridículo. Porém, quando seu olhar cruzou com o de Cristo, entendeu sua verdadeira situação. Correu para o jardim; desta vez, para orar e derramar lágrimas de sincero arrependimento. No fim, o Senhor lhe concedeu a chance de mudar seu remorso e vergonha por segurança e coragem. Como Lhe negara três vezes, O confessou três vezes, com humildade, dando evidência de conversão autêntica.

Uma profunda consciência de pecado acompanhou Pedro durante sua vida. “Pedro havia-se arrependido sinceramente daquele pecado ... Ele, porém, nunca pôde perdoar a si mesmo.”⁴ E que os grandes homens de Deus nunca deixaram de sentir que eram meros seres humanos pecadores. Quanto mais próximos do Senhor, mais conscientes estavam da própria nulidade.

A conversão de Paulo foi uma experiência repentina. A caminho de Damasco, compreendeu seu erro e se entregou a Cristo. Sua decisão seria permanente. O encontro com Jesus, a conversão e o chamado ocorreram quase simultaneamente. Jamais retrocedeu, muito menos negou seu Mestre. Contudo, à semelhança de Pedro, o grande apóstolo se considerava um grande pecador (I Tim. 1:15; I Cor. 15:9).

Evidentemente, nem todos experimentam a conversão da mesma forma. Muitos levam tempo para entregar-se a Cristo, enquanto outros respondem imediatamente. Há os que nem se lembram quando se converteram. “Pode alguém não ser capaz de dizer exatamente a ocasião ou lugar de sua conversão, nem seguir toda a cadeia de circunstâncias no seu processo; mas isto não prova que essa pessoa não seja convertida.”⁵ Não há dúvidas quanto ao fato de que a conversão muda a vida. Porém, não nos faz perfeitos e impecáveis. “Quanto mais perto vos chegardes de Jesus, tanto mais cheio de faltas parecereis aos vossos olhos; porque vossa visão será mais clara e vossas imperfeições se verão em amplo e vivo contraste com Sua natureza perfeita.”⁶

O MINISTÉRIO

O incidente em que Pedro quis andar sobre as águas (Mat. 14:22-33) ensinou-lhe a importância de olhar para Jesus, e não aos homens nem às circunstâncias. Naquela noite, ele compreendeu que o orgulho nos separa de Cristo e conduz a perdas infinitas. Por sua vez, Paulo aprendeu muito cedo que o êxito de seu trabalho dependia de tornar Cristo o centro de tudo. Era-lhe muito claro que sua carta de apresentação não seria sua retórica nem seu brilho intelectual (I Cor. 2:1-5).

Pedro foi enviado aos judeus e seu ministério estava direcionado a eles. Cristo lhe entregara as “chaves do reino dos Céus” (Mat. 16:19). Segundo Ellen White, as chaves “são as palavras de Cristo. Todas as palavras da Santa Escritura são dEle e acham-se aqui incluídas. Estas palavras têm poder para abrir e fechar os Céus”.⁷ Assim, essas chaves que foram utilizadas pelos cristãos em seu testemunho, também foram empregadas por Pedro para evangelizar os judeus, no Pentecostes, e os gentios na casa de Cornélio, embora fosse especificamente o



pregador para os judeus. Paulo, entretanto, foi enviado aos gentios e nesse trabalho deveria gastar grande parte de sua vida. Levou-lhes o evangelho e estabeleceu igrejas entre eles.

Logo no início de seu ministério, Paulo desejou conhecer Pedro e foi a Jerusalém, onde se encontraram pela primeira vez. Voltaram a ver-se no concílio realizado nessa cidade, em aproximadamente 49 d.C. Paulo recebeu apoio de Pedro para o trabalho entre os gentios, embora nem sempre estivessem de acordo em tudo. Houve uma ocasião em que Paulo sentiu a necessidade de repreender Pedro publicamente (Gál. 2:13 e 14). Embora os melhores homens, deixados a si mesmos, possam cometer enganos, os convertidos corrigem seus erros com a ajuda de Deus. Por isso, é inspirador notar que o repreendido Pedro referiu-se a Paulo como “amado irmão” (II Ped. 3:15). Quem vive para servir a Cristo não pode ser rancoroso nem vingativo. Pedro e Paulo eram diferentes, mas os dois eram instrumentos nas mãos de Deus. Para eles, rivalidade não fazia sentido (I Cor. 1:12 e 13; 3:21-23).

É Cristo o centro de nossa vida? Anelamos servir-Lo, independentemente do lugar que nos seja indicado? Estamos dispostos a cooperar com nossos irmãos, a aprender com eles e a aceitar seus conselhos e correções? Porventura já aprendemos a esquecer de nós mesmos e a sentir que apenas somos instrumentos nas mãos de Deus?

A MORTE

Pedro e Paulo sofreram e morreram por Cristo. Em uma ocasião, Pedro foi liberto milagrosamente da prisão. Paulo esteve preso muitas vezes. Sob o reinado de Nero, por volta de 67 d.C., Pedro morreu crucificado, e Paulo foi decapitado. A respeito da crueldade daquele imperador, Tertuliano, em sua *Apologia contra os gentios*, declara: “A religião cristã não tem maior abono do que haver sido perseguida por Nero; quem o conheceu, sabe que um homem tão mau não poderia perseguir senão algo extremamente bom.”

“Na providência de Deus foi permitido a Pedro encerrar seu ministério em Roma, onde sua prisão foi ordenada pelo imperador Nero, aproximadamente ao tempo da última prisão de Paulo. Assim os dois apóstolos veteranos, que por muitos anos tinham estado separados pela distância, em seu

trabalho, deviam dar seu último testemunho em prol de Cristo na metrópole do mundo, e sobre seu solo derramar o sangue como a semente de uma vasta colheita de santos e mártires.”⁸

Ao receber a sentença de morte, Pedro pediu para ser crucificado de cabeça para baixo. “Julgava demasiada honra sofrer pela mesma maneira que seu Mestre.”⁹ Por sua vez, Paulo, na ocasião de seu martírio, tinha os pensamentos voltados para o dia da volta de Jesus. “Seus pensamentos e esperanças estão centralizados na segunda vinda de seu Senhor. E quando a espada do carrasco desce e a sombra da morte cai sobre o mártir, seu último pensamento avança, do mesmo modo que o primeiro quando ressuscitar, para encontrar o Doador da vida, que o há de convidar para o regozijo dos santos.”¹⁰

Pedro foi levado para onde não queria (João 21:18 e 19). Paulo foi levado para onde sempre quis ir em outras circunstâncias (Rom. 1:8-15). Há quem

afirme que Pedro está sepultado sob a basílica que leva seu nome, no Vaticano, assim como é dito que Paulo foi sepultado na Via Ostia. O certo é que ambos estarão no reino de Deus. Tere-mos prazer em conhecê-los; e acredito que, para encontrá-los no Céu, o melhor será procurá-los perto de Jesus.

Todos nós preferimos ver Cristo voltar, sem experimentarmos a morte. Porém, também sabemos que ser cristão significa estar dispostos a sofrer e morrer por Cristo. Estamos nos preparando para cruzar o “vale da sombra da morte” com a certeza do dever cumprido e com a esperança posta na glória vindoura?

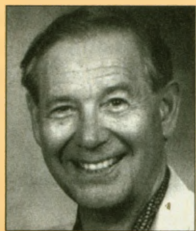
O Novo Testamento dedica muitas páginas ao registro das histórias de Pedro e Paulo. Depois de haver-mos refletido juntos em alguns aspectos da vida desses baluartes, convém tomar tempo para responder algumas perguntas: Na hora da tormenta ou da calma, temos sentido o chamado de Cristo? Entendemos que o reino de Deus está reservado apenas para os que tiverem nascido de novo? Quer seja em um momento, ou durante um processo, temos entregado nossa vida ao Senhor? Qual é o sentido de nossa vida? Compreendemos que fomos chamados a servir a Cristo com amor e abnegação? Estamos decididos a viver e morrer por Cristo, com a fé estabelecida firmemente na esperança da vida eterna? ❖

Referências:

- ¹ Educação, pág. 68.
- ² *Ibidem*, pág. 65.
- ³ *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 249.
- ⁴ *Atos dos Apóstolos*, pág. 538.
- ⁵ *Caminho a Cristo*, pág. 57.
- ⁶ *Ibidem*, pág. 64.
- ⁷ *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 413.
- ⁸ *Atos dos Apóstolos*, pág. 537.
- ⁹ *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 816.
- ¹⁰ *Atos dos Apóstolos*, pág. 513.



COMO INTERPRETAR O APOCALIPSE



Hans K. LaRondelle

Professor emérito do
Seminário Teológico da
Universidade Andrews,
Estados Unidos

*“Bem-aventurados
aqueles que lêem
e aqueles que ouvem
as palavras da
profecia e guardam
as coisas nela
escritas...”*

O Apocalipse está fundamentado sobre a verdade de que Deus enviou Seu Filho para testemunhar de Seu caráter, e João realça a importância vital do testemunho dado por Jesus diante de tribunais judeus (João 5:31-37; 8:13-18) e gentios (João 18:37). Ele O descreve como “a testemunha fiel e verdadeira” (Apoc. 1:5; 3:14; 19:11) que, em virtude de ter permanecido fiel à Sua confissão da verdade, ao ponto de morrer, conquistou o mundo (Apoc. 3:21; 5:5; João 16:33).

Em seu ambiente de perseguição sob o Império Domiciniano (Apoc. 1:9), João dá eloqüente impulso ao conceito de testemunho cristão. Como explica Allison Trites, “os cristãos estavam prestes a enfrentar um tempo de severas provas e perseguição, e João, como fiel pastor, buscou prepará-los para isso”.¹ George Caird acrescenta: “No Apocalipse, o ambiente de tribunal é ainda mais realístico; pois Jesus tinha exibido Seu testemunho diante da corte de Pilatos, e os mártires agora deveriam enfrentar um julgamento romano.”²

A FRASE-CHAVE

João introduz uma frase-chave que resume a revelação de Deus a Israel e através de Jesus Cristo em uma unidade indivisível: “a Palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo” (Apoc. 1:2). Essa frase é usada, com pequenas variações, seis vezes no livro. Ela reúne todas as suas visões, com um propósito pastoral: lembrar à igreja de todos os tempos seu sagrado chamado para ser fiel ao Senhor até o fim.

Para João, “o testemunho de Jesus Cristo” era a extensão autorizada da Palavra de Deus, porque esse testemunho também é inspirado pelo Espírito de profecia (Apoc. 19:10). Ao atribuir seu exílio à fidelidade à “Palavra de Deus e ao testemunho de Jesus”, o vidente se refere ao testemunho de Jesus, encontrado nos evangelhos; afinal, ele tinha pregado o evangelho como um testemunho (Mat. 14:14) muito antes de ser condenado pela corte romana. A frase serve a um propósito moral e teológico no Apocalipse. Ela determina os crentes fiéis em Jesus, durante o período turbulento da igreja, e também é uma norma para testar todos os pretensos profetas (Apoc. 2:20; 16:13 e 14; 19:20).

Ellen White afirma que seu livro *O Grande Conflito* não foi escrito para “apresentar novas verdades” além da Escritura, mas para iluminar “a senda daqueles que, semelhantes aos reformadores dos séculos passados, serão chamados, mesmo com perigo de todos os bens terrestres, para testificar ‘da Palavra de Deus, e do testemunho de Jesus Cristo’”.³ Ela também diz que os albingenses, os hunguenotes e os valdenses foram testemunhas da “igreja no deserto”, e que “pela Palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo”, depunham a vida”.⁴ Assim, ela compreendeu a frase de João como uma referência à Bíblia em seu duplo testemunho do Antigo e Novo Testamentos.

DUAS TESTEMUNHAS

O erudito Kenneth Strand reconhece que a frase de João expressa o mesmo tema do seu evangelho: “uma teologia de duas testemunhas”.⁵ Esse tema enfatiza a harmonia e unidade essenciais do testemunho de Cristo e de Seu Pai: “Eu testifico de Mim mesmo, e o Pai, que Me enviou, também testifica de Mim” (João 8:18); “Porque Eu não tenho falado por Mim mesmo, mas o Pai, que Me enviou, esse Me tem prescrito o que dizer e o que anunciar” (João 12:49).

Jesus chamou a atenção para a lei do testemunho, em Deuteronômio 19:15 (ver João 8:17), para indicar que Seu testemunho não era isolado. E o evangelista liga seu conceito de duas testemunhas ao papel do Espírito Santo em comunicar as palavras de Cristo aos discípulos (João 14:26). Assim, Jesus predisse a respeito do Espírito: “Esse dará testemunho de Mim” (João 15:26), e “Me glorificará, porque há de receber do que é Meu e vo-lo há de anunciar” (João 16:14).

Segundo João, tudo o que Jesus falaria o Espírito Santo também falaria; portanto, o próprio Deus falaria: “Pois o enviado de Deus fala as palavras dEle, porque Deus não dá o Espírito por medida” (João 3:34). Cristo foi ungido pelo Espírito de profecia, por ocasião do Seu batismo (Mat. 3:16; Atos 10:38). Ele foi inspirado

pelo Espírito de Deus e falou Seu testemunho com autoridade divina a Israel. O Novo Testamento testemunha que o próprio Jesus é a revelação de Deus (João 1:14 e 18), é a verdade fundamental da fé cristã.

TESTEMUNHAS NO APOCALIPSE

As cartas apocalípticas estabelecem sete vezes que o testemunho de Cristo às igrejas é: “o que o Espírito diz” (Apoc. 2:7, 11, 17, 29; 3:6, 13 e 22). Essa repetida referência ao Espírito de Deus remete à autoridade divina dos testemunhos de Jesus. No fim do livro, o anjo diz a João que anjos e profetas cristãos “mantêm o testemunho de Jesus” e são companheiros na sua proclamação e na adoração a Deus (Apoc. 19:10; 22:8 e 9). E acrescenta: “pois o testemunho de Jesus é o Espírito de profecia”. Essa informação corresponde às declarações das sete cartas no sentido de que esse testemunho é “o que o Espírito diz”. O anjo não ensina que o “dom” de profecia é um substituto para o testemunho de Jesus, mas estabelece que esse testemunho é inspirado pelo Espírito de profecia e, assim, possui autoridade divina.

Beale comenta: “Esse episódio [Apoc. 19:10] está registrado para realçar a fonte divina das visões de João e para colocar em perspectiva apropriada a natureza e função dos intermediários angélicos. A advertência [adora a Deus] também é para os cristãos, não simplesmente contra o culto aos anjos em particular, mas contra a idolatria em todas as formas, o que era um problema entre os leitores de João (2:14, 15, 20 e 21; 9:20).”⁶

Robert Mounce afirma que “a mensagem atestada por Jesus é a essência da proclamação profética”.⁷ E Caird explica: “Conservar o testemunho de Jesus é sustentar o princípio que governou Sua vida encarnada, confirmar e publicar o testemunho de Sua crucifixão com o testemunho do martírio. ... O testemunho de Jesus é o espírito que inspira os profetas. É a palavra falada por Deus e atestada por Jesus que o Espírito toma e coloca na boca do profeta cristão.”⁸

Beasley-Murray nota que a expressão “Espírito de profecia” era bem conhecida entre os judeus, pois “seu nome favorito para o Espírito de Deus era exatamente ‘o Espírito de

profecia””. E conclui: “Deveríamos, portanto, interpretar o verso 10 [de Apocalipse 19] como significando que o testemunho exibido por Jesus é a preocupação ou responsabilidade do Espírito que inspira a profecia. Essa é a nota tônica do ensinamento sobre o Paracleto em João 14-16.”⁹ O profeta de Deus era movido pelo Espírito Santo (Luc. 2:25; II Ped. 1:21).

O comentário de Roy Naden é notável: “Ao igualar o testemunho de Jesus com o Espírito de profecia, João ilumina a origem e autoridade divinas do Testemunho. ... Assim, Ele [Deus] é o originador desse testemunho a Cristo, tal como Ele foi o originador da Palavra de Deus. ... Em Apocalipse 19:10, João afirma que o testemunho de Jesus é a profecia divina que ilumina o passado, o presente e o futuro.”¹⁰

Da mesma forma, Beatrice Neall conclui em sua tese: “A Palavra de Deus e o testemunho de Jesus devem ser compreendidos como o evangelho da morte e ressurreição de Jesus (Apoc. 1:18), Seu poder para salvar do pecado (1:5; 12:10 e 11) e transformar seres humanos à Sua semelhança (14:1) através do sangue do Cordeiro (7:14; 12:11).”¹¹

A FÉ DE JESUS

Apocalipse 12-14 consiste de um conteúdo unido da Escritura, no qual cada capítulo desenvolve a visão anterior com um crescente foco na geração do tempo do fim. Isso significa que o remanescente de Deus em Apocalipse 12:17 é mais completamente descrito em 14:12. “Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes de sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Apoc. 12:17). “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Apoc. 14:12).

O povo de Deus não somente guarda Seus mandamentos, mas tem “a fé de Jesus”. Isso é mais que fé subjetiva em Jesus – é Sua própria fé, Seu testemunho. Nas palavras de William Johnsson, “eles guardam a fé de Jesus. ... Judas provê um paralelo: ‘a fé que uma vez por todas foi entregue aos santos’. Quando seguidores leais de Deus guardam a fé de Jesus, eles permanecem verdadeiros ao cristianismo básico: eles guardam a fé”.¹²

Em outras palavras, a expressão “a fé de Jesus” serve como esclarecimento



equivalente para “o testemunho de Jesus” e não necessariamente como uma terceira característica da igreja remanescente. Ter “a fé de Jesus” implica fidelidade ao Seu testemunho. Por ostentarem o testemunho de Jesus, os santos do tempo do fim estão preparados para testemunhar contra o anticristo até a morte. O valor dos mártires cristãos reside em sua fidelidade em manter o testemunho evangélico que lhes foi dado por Jesus. Eles partilharão com Cristo o exercício do poder régio e judicial no reino milenar (Apoc. 20:4).

APOCALIPSE 11

O capítulo 11 descreve duas testemunhas de Deus, autorizadas a profetizar “por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco” (Apoc. 11:3). Essas testemunhas são identificadas como “dois candeeiros que se acham em pé diante do Senhor da Terra” (v. 4). Se os sete candeeiros de Apocalipse 1:20 são as sete igrejas, esses dois candeeiros também devem representar a igreja em sua vocação para profetizar, ou proclamar seu testemunho legal (11:7) a todas as nações (Deut. 17:6; 19:15; Mat. 18:16; João 8:17).

Essa compreensão é confirmada pelos símbolos paralelos da “mulher” perseguida (12:6) e da “cidade santa” calcada a pés (11:2). As três figuras sofrem por causa do testemunho, durante o mesmo período (11:2 e 3; 12:6 e 11). Tais descrições indicam que os verdadeiros santos não apenas mantêm o testemunho de Jesus, mas testemunham a respeito dEle, dispostos a depor a vida por Sua causa e do evangelho (Mar. 8:35).

O quadro das duas testemunhas em Apocalipse 11 dramatiza o chamado e a promessa de Cristo à igreja de Smirna: “Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Apoc. 2:10). Elas são chamadas a se identificar com Jesus em Seu testemunho e morte, e partilharão também em Sua

vindicação (Apoc. 11:9-12). O poder do seu ministério profético resultará em arrependimento e salvação para muitos no mundo (v. 13). Essa é a vocação de toda a igreja. Todos os crentes são chamados para manter o testemunho de Jesus, embora somente alguns sejam agraciados com o “dom de profecia”. A igreja de Cristo é validada em sua sucessão apostólica unicamente por sua fiel proclamação do evangelho (Mat. 24:14; Apoc. 12:17 e 14:12).

Para ilustrar a conexão entre a igreja e o testemunho, a João foi ordenado tomar o livro e comer, a fim de profetizar (Apoc. 10:9 e 11). Deus também pediu aos profetas Ezequiel e Jeremias que comessem um livro com Suas palavras e então proclamassem a mensagem (Ezeq. 3:1-3; Jer. 15:16). As duas testemunhas de Apocalipse 11 não representam a igreja à parte da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus. Elas simbolizam “a igreja pregando e profetizando através dos dois Testamentos da Escritura”.¹³

Kenneth Strand conclui: “No livro de Apocalipse, a fidelidade à Palavra de Deus e ao testemunho de Jesus Cristo distingue os fiéis dos infiéis, e leva à perseguição que inclui o próprio exílio de João e o martírio de outros crentes (Apoc. 1:9; 6:9; 12:17; 20:4). Essas duas testemunhas são nomeadas ‘a Palavra de Deus’ e ‘o testemunho de Jesus Cristo’, ou o que hoje chamamos de mensagem profética do Antigo Testamento e o testemunho apostólico do Novo Testamento.”¹⁴

FIDELIDADE A DEUS

Cristãos em todas as épocas viveram, morreram e, no futuro, morrerão por causa do testemunho de Cristo (Apoc. 1:9; 6:9; 12:11; 20:4). Esse não é um testemunho pessoal de conversão a Jesus, mas o testemunho do evangelho, isto é, “o testemunho de Deus” (I Cor. 2:1), de Cristo (I Cor. 1:6), sobre Sua vida, morte e ressurreição (Mar. 8:35; Atos 1:8 e 22; 4:33; I Cor. 15:1-4 e 15).

Paulo declarou que o ministério que ele recebeu do Senhor Jesus foi o de “testemunhar o evangelho da graça de Deus” (Atos 20:24). Ele advertiu que os que distorcem o evangelho de Cristo se tornarão anátema (Gál. 1:1-9), e também aconselhou que os cristãos não deveriam ir além do “que está

escrito” (I Cor. 4:6) e que todos os profetas devem ser testados pelo cânon escriturístico (I Tess. 5:19-21; I Cor. 14:29 e 32).

Ellen White focalizou na mesma direção: “Vi que o tempo ... disponível que temos deve ser gasto em examinar a Bíblia, que nos julgará no último dia. ... que os mandamentos de Deus e o testemunho de Jesus estejam de contínuo em vossas mentes, expulsando assim cuidados e pensamentos mundanos.”¹⁵ “Deus pede um reavivamento e uma reforma. As palavras da Bíblia, e a Bíblia somente, deviam ser ouvidas do púlpito.”¹⁶

Quando os adventistas descobriram, em 1888, que a fé de Jesus envolve fé em Jesus, todas as implicações das três mensagens angélicas foram entendidas e a denominação teve sua mensagem de “alto clamor”. Muitos reavivamentos tiveram lugar e, em 1892, Ellen White disse que “o alto clamor do terceiro anjo já começou na revelação da justiça de Cristo, o Redentor perdoador de pecados. Esse é o início da luz do anjo cuja glória deverá encher a Terra”.¹⁷ Isso pode ser resumido nesta exortação: “De todos os professos cristãos, devem os adventistas do sétimo dia ser os primeiros a exaltar a Cristo perante o mundo.”¹⁸ ☐

Referências:

- Allison A. Trites, *The New Testament Concept of Witness* (Cambridge: Cambridge University Press, 1977), pág. 155.
- George B. Caird, *The Revelation of St. John the Divine*. Harper's New Testament Commentary (Nova York: Harper & Row, 1966), pág. 18.
- Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pág. 7.
- Ibidem*, pág. 271.
- Kenneth A. Strand, *Andrews University Seminary Studies* 19 (1981), págs. 127-135.
- Gregory Beale, *The Book of Revelation* (Grand Rapids: Eerdmans, 1999), pág. 946.
- Robert H. Mounce, *The Book of Revelation* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), pág. 342.
- George B. Caird, *Op. Cit.*, pág. 238.
- Roy C. Naden, *The Lamb Among the Beasts* (Hagerstown, MD: R&H, 1996), pág. 266.
- Beatrice S. Neall, *The Concept of Character in the Apocalypse with Implications for Character Education* (Washington DC: Univ. of America, 1983), pág. 158.
- William G. Johnsson, *Symposium on Revelation* (Hagerstown MD: R&H, 1992), vol. 2, págs. 38 e 39.
- R. L. Petersen, *Preaching in the Last Days: The Theme of Two Witnesses in the Sixteenth and Seventeenth Centuries* (Nova York: Oxford University Press, 1993), pág. 17.
- Kenneth A. Strand, *Op. Cit.*, pág. 134.
- Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, pág. 58.
- _____, *Profetas e Reis*, pág. 626.
- _____, *Review and Herald*, 22/11/1892.
- _____, *Obreiros Evangélicos*, pág. 156.

EXPLICAÇÃO PARA O INEXPLICÁVEL



Clifford Goldstein

Editor da Lição da
Escola Sabatina
em inglês

*A maior
saída para
as tragédias
e o sofrimento
humano é a
contemplação
da cruz*

Em 1927, Thornton Wilder escreveu um livro intitulado *The Bridge of San Luis Rey* [A Ponte de São Luís Rei]. Ele fez isso inspirado pelo incidente de uma ponte que se partiu e ceifou a vida de cinco cidadãos peruanos, em julho de 1714. A história gira em torno de um sacerdote franciscano, o padre Juniper, que, estando convencido de que nada acontece por acidente no Universo de Deus, decidiu estudar a vida de cada uma daquelas vítimas, a fim de mostrar a providência e sabedoria divinas, mesmo em meio à tragédia.

“Pareceu ao irmão Juniper que era alto tempo de a teologia ocupar seu lugar entre as ciências exatas, e ele tencionou colocá-la aí”,¹ escreveu Wilder. O padre Juniper estava fazendo o que os teólogos têm feito durante séculos, ou seja, tentar estabelecer uma teodicéia, para mostrar a justiça e bondade de Deus a despeito do mal e do sofrimento. Para usar as palavras de Alexander Pope, ele estava buscando “vindicar os caminhos de Deus para o homem”², ou, segundo John Milton, “afirmar a eterna providência e justificar os caminhos de Deus para o homem”.³

Com efeito, as Escrituras tratam desse tema, como, por exemplo, na ocasião em que Davi pediu perdão a Deus: “de maneira que serás tido por justo no Teu falar” (Sal. 51:4). O motivo do grande conflito também é uma teodicéia: “Devia-se permitir que o mal chegasse a amadurecer”, escreveu Ellen G. White. “Para o bem do Universo inteiro, através dos séculos sem fim, devia Satanás desenvolver mais completamente seus princípios, para que suas acusações contra o governo divino pudessem ser vistas sob sua verdadeira luz por todos os seres criados, e para sempre pudessem ser postas acima de qualquer dúvida a justiça e misericórdia de Deus e a imutabilidade de Sua lei.”⁴

Para minha compreensão de teodicéia, da vindicação do caráter de Deus apesar do sofrimento humano, sempre foi central a idéia de que todas as nossas questões sobre o mal seriam respondidas com a certeza encontrada na álgebra e na geometria. Sempre acreditei que poderia ter respostas definitivas para explicar, com lógica e clareza perfeitas, todo exemplo de mal que qualquer pessoa tenha enfrentado. Porém, agora, não estou tão seguro disso. Talvez, nem todas as perguntas sejam respondidas porque, devido à natureza do mal, elas não podem ser respondidas. Quem sabe, estamos procurando explicações para o que é, essencialmente, inexplicável.

EXPLICAR É JUSTIFICAR

O que incitou essa mudança de pensamento foi uma frase do livro *Evil in Modern Thought: An Alternative History of Philosophy* [O Mal no Pensamento Moderno: Uma História Alternativa da Filosofia], de Susan Neiman. A frase é a seguinte: “Uma teodicéia justifica a felicidade do poderoso e o sofrimento do fraco.”⁵ Embora o capítulo seja a respeito de Karl Marx, e essas palavras estejam num contexto de luta de classes, elas me fizeram pensar nas palavras de Ellen White: “É impossível explicar a origem do pecado de maneira a dar a razão de sua existência. ... O pecado é um intru-

so, por cuja presença nenhuma razão se pode dar. É misterioso, inexplicável; desculpá-lo corresponde a defendê-lo. Se para ele se pudesse encontrar desculpa, ou mostrar-se causa para a sua existência, deixaria de ser pecado.”⁶

Embora suas palavras se refiram à origem do pecado e do mal, não seria aplicável o mesmo princípio? Pode o mal ser desculpado mais do que pode ser o pecado, que é o fundamento do mal? Explicar o mal, à semelhança do pecado, não seria desculpá-lo ou justificá-lo?

Suponhamos o seguinte: Uma mulher chega ao Céu. Depois de ali receber explicação para todas as manifestações do mal que sofreu na Terra, ela responde: “Oh! Sim, Jesus. Agora eu sei porque minha filha de 16 anos foi estuprada e morta diante dos meus olhos. Agora, tudo faz sentido; muito obrigada pela explicação!” O mesmo acontece com um suposto remido cuja família foi exterminada. Ele diz: “Oh! Sim, Senhor. Agora compreendo porque minha família inteira foi inocentemente metralhada na guerra. Quão simples e claro tudo está agora!”

Isso me parece quase obsceno. Porém, que outra opção existe, se nós assumimos, como sempre o fizemos, que há um motivo racional atrás de todo mal? Se todas as perguntas que fazemos sobre situações trágicas podem ser respondidas, então, tais ocorrências podem ser explicáveis, e até justificáveis. Acaso, fez Deus qualquer plano para que três mil pessoas estivessem juntas para morrer no dia 11 de setembro de 2001? Ou fez, e isso era parte de Sua providência, ou não existe nenhuma justificativa para a tragédia. Creio que é mais fácil aceitar a segunda alternativa; é mais plausível que a primeira.

Se alguma coisa é, por definição, inexplicável, então, não pode ser explicada. Em caso contrário, não é inexplicável. Estaríamos limitando Deus, ao afirmarmos que em Seu Universo pode existir o inexplicável? Bem, precisamos lembrar que onipotência não significa habilidade para fazer o que é logicamente impossível, e se alguma coisa é, por natureza, inexplicável, não tem explicação.

TEODICÉIA

Sendo assim, não teria Deus respostas para a suposta mulher cuja filha foi estuprada e morta, ou para o homem cuja família foi dizimada na guerra, nem para aqueles que perderam cônju-

ges, pais e filhos no fatídico 11 de setembro de 2001? Estão essas pessoas deixadas ao léu de suas dúvidas? Que tipo de teodicéia é essa?

A chave para compreendermos isso é encontrada, segundo acredito, na definição da palavra teodicéia. Esse termo significa justificação de Deus, não do mal. Aqui existe uma distinção crucial. O pecado e o mal não podem ser justificados; Deus pode. E a cruz é fundamental para essa explicação. Apenas sob a irresistível realidade de Cristo crucificado, do Criador em carne humana experimentando o sofrimento da humanidade, podemos começar a compreender como Deus poderia ser vingado aos olhos de todo o Universo, incluindo a parte que tem sido atingida pelo sofrimento do pecado e do mal.

No contexto do clímax do grande conflito, Ellen White toca no coração da resposta: “Jamais se olvidará que Aquele cujo poder criou e manteve os inumeráveis mundos através dos vastos domínios do espaço, o Amado de Deus, a Majestade do Céu, Aquele a quem querubins e resplendentes serafins se deleitavam em adorar, humilhou-Se para levantar o homem decaído; que Ele suportou a culpa e a ignomínia do pecado e a ocultação da face de Seu Pai, até que as misérias de um mundo perdido Lhe quebrantaram o coração e aniquilaram a vida na cruz do Calvário. O fato de o Criador de todos os mundos, o Árbitro de todos os destinos, deixar Sua glória e humilhar-Se por amor do homem, despertará eternamente a admiração e a adoração do Universo.”⁷

Notemos: “as misérias de um mundo perdido” tiraram a vida do “Criador de todos os mundos”. Falando a respeito da cruz, Isaías diz que Jesus “tomou sobre Si as nossas enfermidades e as nossas dores” (Isa. 53:4). A palavra hebraica traduzida como “enfermidades” é *holi*, que significa “doença”. Já o termo traduzido como “dores” é *makov*, cujo significado é “dor, sofrimento físico e emocional”. Que dores, doenças e misérias Ele “tomou sobre Si” na cruz? Todas as dores, doenças e misérias do mundo. Assim, o que nós conhecemos apenas como nossas dores, enfermidades e misérias individuais, Ele carregou coletivamente sobre Si.

Essas implicações são cruciais para a teodicéia. Uma das citações de *The Waste Land* [A Terra Devastada], de T. S. Elliot, diz o seguinte: “Minhas sen-

sações externas não são menos privadas, para mim, que meus pensamentos ou sentimentos. Nos dois casos, minha experiência cai dentro do meu próprio círculo, um círculo fechado no lado de fora.”⁸ Em outras palavras, o sofrimento humano limita-se a um círculo fechado, conhecido apenas de cada indivíduo sofredor. Ninguém pode sentir a dor do outro; conhecemos somente a nossa dor, e de mais ninguém.

A suposta mãe da filha estuprada e assassinada, o imaginário pai da família metralhada ou as três mil vítimas do 11 de setembro, nenhum deles sofreu mais do que um indivíduo pode sofrer. Embora estejamos sempre atordoados com o crescente número de calamidades, o sofrimento real é de cada vítima em particular. E mais: o sofrimento de cada um está sempre cercado pelos limites da humanidade. Entretanto, na cruz, as misérias de um mundo caído e perdido, suas doenças, dores e seu sofrimento, tudo caiu ao mesmo tempo sobre Cristo Jesus. Isso significa que Ele sofreu infinitamente mais que qualquer ser humano tem sofrido ou poderia sofrer individualmente. Quem pode acusar Deus de ser indiferente ou estar distante do nosso sofrimento, quando Ele o conhece mais agudamente, porque também o experimentou mais que qualquer um de nós?

Albert Camus escreveu: “Cristo veio resolver dois problemas: o mal e a morte, que são exatamente os problemas que preocupam o rebelde. A solução que Ele encontrou consistiu, primeiramente,





em experimentá-los. O homem-Deus sofreu muito, com paciência. O mal e a morte já não Lhe podem ser inteiramente imputados, pois Ele já sofreu e morreu.”⁹ Camus só faltou dizer que “Ele já sofreu e morreu” de modo infinitamente pior que qualquer pessoa já tenha sofrido e morrido.

O EXEMPLO DE JÓ

Outro elemento-chave para a compreensão desse assunto está no livro de Jó. Deus não deu àquele patriarca uma longa explicação sobre a razão pela qual sua propriedade foi destruída, seus filhos foram mortos e seu corpo foi tomado de feridas. Deu-lhe, porém, um lampejo de Si mesmo como Criador: “Onde estavas tu, quando Eu lançava os fundamentos da Terra? ... poderás tu atar as cadeias do Sete-estrela? ... ou dás tu força ao cavalo?” (Jó 38:4 e 31; 39:19). Essa revelação foi bastante para que Jó, em meio à calamidade pessoal, pudesse exclamar: “Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza (Jó 42:6).

Porém, em vez de um simples lampejo, na segunda vinda de Jesus teremos uma clara visão de Deus (I Cor. 13:12), e O contemplaremos como Criador e Redentor. Pairando acima de todas as tragédias humanas estará a realidade de Jesus, “o Criador de todos os mundos”, que tomou sobre Si, coletivamente, tudo aquilo que conhecemos individualmente. Então, à luz do Calvário, que põe todas as coisas sob nova perspectiva, talvez não mais procuremos respostas, como o fazemos agora. O amor de Deus será tão aparente e irresistível, visto através de uma desobstruída visão da cruz, que Sua bondade e misericórdia serão compreendidas, ainda que não possamos entender todas as nuances do mal.

Mas, o que dizer de textos como estes: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rom. 8:28); “Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido” (I Cor. 13:12)? Que dizer a respeito desta afirmação: “Todas as perplexidades da vida serão então explicadas. Onde para nós apareciam apenas confusão e decepção, propósitos frustrados e planos subvertidos, ver-se-á um propósito grandioso, predominante, vitorioso, uma harmonia divina”?¹⁰

Significam essas afirmações que todo o mal será justificado? Evidentemente, Deus pode transformá-lo em bem. Por trás de todo sofrimento e amargura, Ele opera Seus planos, do modo mais justo e misericordioso possível, para dar fim à era do pecado. O fato de “todas as coisas” contribuírem “para o bem” não significa que tudo é bom; significa que Deus pode extrair o bem de todas as coisas.

Conhecer como somos conhecidos não significa conhecer o irreconhecível. Ver “um propósito grandioso, predominante, vitorioso” não é ter cada incidente de sofrimento, dor e injustiça dissecado e explicado. Podemos esperar ver, um dia, a soberana bondade de Deus revelada através de Sua solução para o pecado e o mal. Isso não é a mesma coisa como ter uma explicação racional para o mal e o pecado como se eles fossem componentes cruciais do plano abrangente de Deus. Em alguns casos, tais como a cruz, até poderia ser; mas não é assim em todas as situações. Apesar das ruínas da queda, Deus tem feito tudo para dar fim ao pecado e ao sofrimento humano, em medida justa e misericordiosa. O âmago de Sua ação foi a cruz.

DEUS É AMOR

Em face de alguma tragédia, frequentemente tenho perguntado: “Por que, Deus?” “Que razão possível existe para isso?” “A que propósito serve?” Mas, estou chegando à conclusão de que, talvez, eu esteja fazendo as perguntas erradas, procurando algo que não pode ser achado. Não há explicação para o inexplicável, e posso até dizer que existe um sentimento de liberdade, ao deixar de tentar responder o irrespondível.

Há pessoas que, diante de calamidades, tentam justificar o horror. “A doença de meu filho ajudou-me a ser mais compassivo”; ou, “Deus permitiu que minha esposa morresse para que eu passasse a orar mais”, e por aí vai. É verdade que Deus pode extrair coisas positivas de situações negativas; mas, qual é o custo-benefício da doença de um filho ou morte de um cônjuge para que um pai se torne mais compassivo, ou o cônjuge solitário ore mais? Não acho que Deus aja desse modo.

Tudo o que podemos fazer em relação ao mal é voltarmos à cruz. Ela nos diz, mesmo diante de uma tragédia irreparável, que Deus ama o mundo. Agarrados à cruz e tudo o que ela representa, podemos conseguir coragem e fé, confiança em Deus, para enfrentar situações que nos fazem chorar em angústia, e sobreviver a elas.

O padre Juniper, depois de anos cavoucando a vida dos cinco peruanos mortos, não encontrou nenhuma explicação racional para a tragédia da ponte San Luis Rey. Para sua desgraça, ele foi levado à Inquisição e condenado à morte. Enquanto estava na prisão, esperando o momento de ser queimado, tentou buscar em sua própria vida razões que o diferenciasssem daqueles cinco peruanos mortos, mas não encontrou. ◻

Referências:

- ¹ Thornton Wilder, *The Bridge of San Luis Rey* (Nova York: Perennias Classics, 1998), pág. 7.
- ² Alexander Pope, *Essay on Man and Others Poems* (Nova York: Dover Publications, 1994), pág. 46.
- ³ John Milton, *Paradise Lost* (Nova York: W. W. Norton Company, 1975), pág. 9.
- ⁴ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pág. 499.
- ⁵ Susan Neiman, *Evil in Modern Thought* (Princeton, NJ: University Press, 2002), pág. 105.
- ⁶ Ellen G. White, *Op. Cit.*, págs. 492 e 493.
- ⁷ *Ibidem*, pág. 651.
- ⁸ T. S. Eliot, *The Waste Land* (Nova York: Harcourt Brace, 1967), cf. 412, 54.
- ⁹ Albert Camus, *The Rebel: An Essay on Man in Revolt* (Nova York: Knopf, 1956), pág. 32.
- ¹⁰ Ellen G. White, *Educação*, pág. 305.

DESPENHADORES DA VAIDADE



Jonas Arrais

Secretário ministerial
associado da Associação
Geral da IASD

*O exemplo
de Cristo nos
ensina que fomos
chamados para
servir; não para
ser servidos*

O ministério pastoral é caracterizado por muitas funções desempenhadas em favor da igreja, e envolve os que a ele se dedicam de tal forma que exige tempo, esforço, cuidado e preparo. Se o obreiro não souber administrar seu comportamento com graça e vigilância, poderá ser vítima da vaidade ministerial que tem levado muitos à queda e ao desprestígio. A Bíblia adverte solenemente: “A soberba precede a ruína, e a altivez de espírito, a queda” (Prov. 16:18). É imprescindível que o obreiro esteja atento ao que ocorre ao seu redor. O perigo pode não estar longe, mas bem perto; dentro de cada um.

Além de sexo, dinheiro e poder, que são os três fatores mais comumente utilizados por Satanás para destruir líderes espirituais, existem outros que também minam a base do ministério. Um deles é a vaidade. Originada do termo latino *vanitate*, a palavra vaidade significa algo que é “vão, ilusório, instável ou pouco duradouro”. Traduz o “desejo imoderado de atrair admiração ou homenagens”. Ela pode ser vista em várias atitudes corriqueiras.

TRATO COM O SEXO OPOSTO

Não é sem causa que Salomão ensina que é necessário ao homem ter sabedoria, bom senso e o temor do Senhor, para se livrar da mulher leviana, que lisonjeia com palavras e cuja vida leva à destruição (Prov. 5 e 7). Algumas vezes, no trabalho, o obreiro se aproxima de mulheres e não percebe as armadilhas que lhe são preparadas pelo inimigo. Por falta de vigilância, o homem de Deus acaba trocando a dignidade pastoral por um relacionamento ilícito, pecaminoso e fugaz, tomando o caminho da destruição.

Um ponto crítico é o aconselhamento pastoral. Muitos têm se deixado envolver emocionalmente, ao aconselhar determinada pessoa. Repentinamente, cria-se um ambiente de ternura e, agindo inconscientemente, sentindo-se vaidoso de sua função, como se fosse um galã conquistador, o conselheiro é tragado pelo adversário.

Não existe outro modo de escapar dessa armadilha à parte da comunhão constante com Deus, senso de dependência dEle, vigilância e oração incessantes, bem como sólido relacionamento conjugal e familiar. “Tem cuidado de ti mesmo” é o conselho bíblico (I Tim. 4:16).

USO DO DINHEIRO

Em nenhum lugar, a Bíblia diz que o dinheiro é mau em si mesmo. No entanto, adverte-nos quanto ao “amor do dinheiro”, declarando ser ele “raiz de todos os males”, acrescentando que “alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores” (I Tim. 6:10).

O fato de lidarmos com questões espirituais não nos imuniza contra esse perigo. Pode ser que a vaidade nos impulse à malversação dos recursos financeiros da igreja, ou à cobiça, manifestada nos relatórios enviados à tesouraria. Alguns têm se esquecido da missão e enveredado por negócios e transações alheios ao caráter de sua vocação. Assim, desperdiçam tempo, alimentam a futilidade e fracassam.

ÂNSIA DO PODER

Há indivíduos que, enquanto estão liderando pequenas congregações, mostram-se humildes, despretenciosos e dedicados à missão que lhes foi confiada. Contudo, ao assumirem o pastorado de grandes igrejas ou responsabilidades administrativas, esquecem-se de que “nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento” (I Cor. 3:7), e passam a agir de modo autoritário.

As diferentes funções ministeriais são valiosas para a igreja. A Bíblia afirma que o Senhor outorgou dons de pastorear, evangelizar e ensinar, “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do Seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Efés. 4:12). Aí está o objetivo da liderança pastoral. Quando o pastor perde essa visão, acaba pensando que a função que ocupa é fonte de poder pessoal. O inimigo se aproveita dessa falha de personalidade e leva alguns a se sentirem grandes demais, dominando-os pela vaidade do poder.

É muito importante que o obreiro tenha consciência de que o poder que o sustenta não é pessoal, nem proveniente do cargo ocupado. O homem de Deus só pode ser sustentado e permanecer firme, se reconhecer que todo poder vem de Deus, como disse Davi: “Uma vez falou Deus, duas vezes ouvi isto: Que o poder pertence a Deus” (Sal. 62:11). E Paulo, doutrinando os efésios a respeito das armas que são colocadas ao dispor do cristão, ensinou: “Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do Seu poder” (Efés. 6:10).

O poder que emana da função ministerial é passageiro, assim como tudo o mais que diz respeito ao homem. Debaixo do Sol, tudo é vaidade, como bem o afirmou Salomão (Ecles. 1:14). Portanto, o melhor que podemos fazer é não nos deixarmos dominar pela vaidade do poder. Um dia, teremos que deixar o cargo e, quando isso acontecer, não precisamos ficar doentes, sentindo falta do que tínhamos nas mãos, ou da função exercida.

NA PREGAÇÃO

O pregador precisa apenas ter mensagens que alimentem espiritualmente seus ouvintes. É a verdadeira mensagem, possuidora dessa característica, é a que vem de cima, inunda o mensageiro e os ouvintes com o poder celestial. Isso

é possível somente se o pregador se colocar sem reservas nas mãos de Deus.

Alguns oradores e pregadores expressivos podem cair na tentação de se envaidecerem por causa do dom recebido. Daí, passam a comportar-se como simples oradores seculares, no intuito de impressionar as pessoas. Há os que se sentem pregadores profissionais e estão sempre buscando o reconhecimento dos ouvintes e a glória pessoal. O apóstolo Paulo, extraordinário pregador, não confiava em sua privilegiada formação intelectual aos pés de Gamaliel. Quando escreveu aos cristãos coríntios, afirmou: “A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder” (I Cor. 2:4). Em vez de se firmar no poder da eloquência humana, Paulo confiava na eloquência do poder divino.

“A soberba precede a ruína, e a altivez de espírito a queda”

BUSCA DE APRECIÇÃO

Todo homem de Deus tem o dever de tratar bem as pessoas, bem como tem o direito de ser bem tratado por todos quantos dele se aproximam. Ele não é uma pessoa qualquer, mas um servo de Deus, incumbido da mais importante missão a ser exercida na face da Terra. Diz a Bíblia: “A quem honra, honra” (Rom. 13:7). Contudo, existem aqueles que, dominados por um sentimento vaidoso, extrapolam seus interesses e exigem para si tratamento diferenciado.

Esse sentimento pode ser nutrido, por exemplo, por nossa insistência em viajar de avião quando é possível fazê-lo confortavelmente através de outros meios mais econômicos. Ou, ao nos hospedarmos em um hotel mais simples, quando as despesas correrem por nossa conta, porém, preferirmos um mais sofisticado, quando estamos a serviço da Igreja. Assim, alimentamos a vaidade às custas dos dízimos e ofertas de irmãos fiéis, embora pobres de recursos materiais.

BENESSES

Nos primórdios do adventismo em nosso país, as condições de trabalho eram difíceis. Nossos pioneiros percorriam enormes distâncias a pé, em lombo de animais, atravessando rios em frágeis embarcações, desprovidas de segurança. Não raro, hospedavam-se em locais infestados de mosquitos, ou até sob ameaça de animais selvagens; bebiam água suja, e alguns foram vitimados por doenças. Muito devemos a esses pioneiros, por seu desprendimento e altruísmo, sua fé e coragem.

No entanto, hoje, as condições de trabalho são infinitamente melhores. A Igreja tem proporcionado a seus pastores tudo o que é necessário à sua segurança pessoal e familiar, bem como ao melhor desenvolvimento do seu trabalho. É bem verdade que, em algumas regiões, ainda prevalecem condições difíceis, mas há os que abusam da provisão recebida, esquecidos de que, em nome da vaidade, estão utilizando futilmente os recursos da Igreja. Por exemplo, é importante que o pastor more em uma casa digna; mas não é preciso exibir aparência, ostentação e luxo. Isso é nada menos que falta de bom senso.

O Senhor deseja que sejamos prudentes e sábios no trabalho realizado em Seu favor. Nosso pastorado pode ser uma grande bênção, quando nos permitimos viver como instrumentos em Suas mãos. Precisamos estar conscientes de que fomos chamados para servir, não para ser servidos. ◻

LÍDERES DE DEPARTAMENTOS REÚNEM-SE NA AG

Acada cinco anos, é realizada na sede da Associação Geral dos Adventistas, em Washington, Estados Unidos, a reunião do Conselho de Líderes dos Departamentos da Igreja. O encontro recebe representantes de todas as Divisões, com o objetivo de avaliar o trabalho realizado e planejar as atividades para o quinquênio seguinte. Neste ano, o evento transcorreu durante o mês de março, em períodos diferentes, segundo a data estabelecida para o respectivo setor.

Entre os dias 13 a 19, secretários ministeriais, coordenadoras da Afam, editores de *Ministério* e da *Revista do Ancião* realizaram seu encontro. Coordenadas pelo Pastor James Cress, as atividades foram desenvolvidas dentro do pressuposto de que “a Associação Ministerial existe para servir à Igreja mundial em sua proclamação do evangelho eterno e em sua divina missão de preparar indivíduos para a breve volta do Senhor Jesus. A Associação tem como objetivo cumprir essa missão através do seu minis-

tério entre pastores e respectivas famílias, anciãos, administradores e líderes dos vários segmentos da igreja e secretários ministeriais”.

A equipe de secretários ministeriais da AG apresentou e reafirmou os projetos de sua área, tendo como foco principal o crescimento espiritual, pessoal e profissional do pastor, treinamento de anciãos, crescimento da igreja através de sua nutrição espiritual e envolvimento missionário, além da necessidade de conservar na mente do pastor o fato de que “sua primeira responsabilidade é pregar a Palavra à igreja e ao mundo, apresentando Cristo como Salvador e Senhor a todas as pessoas, indistintamente”.

EVANGELISMO

Na opinião do Pastor Peter Prime, “a expansão da igreja através do evangelismo pessoal e público, preparo de pessoas para o batismo, plantio de novas congregações e formação de discípulos devem ser a principal ênfase do pastor”. Ele acrescenta que o “evangelismo deve ser visto como um processo que conduz ao discipulado, e não apenas

ao crescimento numérico. O objetivo da grande comissão é tornar cada crente um discípulo amadurecido e produtivo”.

ANCIÃOS

Por sua vez, considerando que aproximadamente 80% das congregações em todo o mundo são lideradas pelos anciãos locais, o Pastor Jonas Arrais enfatizou a necessidade de treinamento para eles. Afinal, ele argumenta, “os anciãos pregam, visitam, lideram os cultos, incentivam o evangelismo local, dirigem comissões e prestam assistência espiritual às pessoas”.

Os obreiros jubilados não foram esquecidos. União e Campos devem assisti-los, prestar-lhes o devido reconhecimento, providenciar credencial honorária e valer-se de sua ajuda, quando isso for necessário e possível.

EDUCAÇÃO CONTÍNUA

Responsável pelo setor de Educação Contínua, o Pastor Anthony Kent destacou que “o pastor adventista deve buscar continuamente com-



Parte dos secretários ministeriais e coordenadoras da Afam



Equipe da Divisão Sul-Americana

prender a Palavra de Deus e desenvolver novos métodos para levar Sua mensagem à mente contemporânea. O pastor deve perceber-se em necessidade constante de aprender, a fim de conservar suas habilidades e ser um líder de alta qualidade". Nesse sentido, há o Projeto de Recursos, coordenado por Cathy Payne, que disponibiliza farto material em livros, seminários em CDs e DVDs.

Preach. Seu editor na versão inglesa, distribuída para todo o mundo, é o Pastor Nikolaus Satelmajer.

AFAM

Sharom Cress, coordenadora da Área Feminina da Associação Ministerial, Afam, reafirmou os objeti-



Pastores Peter Prime, Jan Paulsen e James Cress

MINISTRY

Uma das fontes de crescimento pastoral é a revista *Ministério (Ministry)*. Ela contém matérias nas áreas de teologia, aconselhamento, ética, liderança, família e outras. Também é acessível a pastores de outras denominações através do Projeto



Pastor Bullon apresenta relatório da DSA

AMOR E HUMILDADE

As atividades do sábado pela manhã incluíram a exposição da lição da Escola Sabatina, pelo Pastor Daniel Duda, secretário ministerial da Divisão Trans-européia, e o sermão apresentado pelo Pastor Matthew Bediako, secretário da Associação Geral. Fundamentando sua mensagem no capítulo 13 de João, ele realçou a humildade e o amor como características indispensáveis ao exercício do pastorado. "O mundo conhecerá que somos discípulos de Cristo somente se nos amarmos uns aos outros", concluiu o Pastor Bediako.

Domingo à tarde os trabalhos foram encerrados.

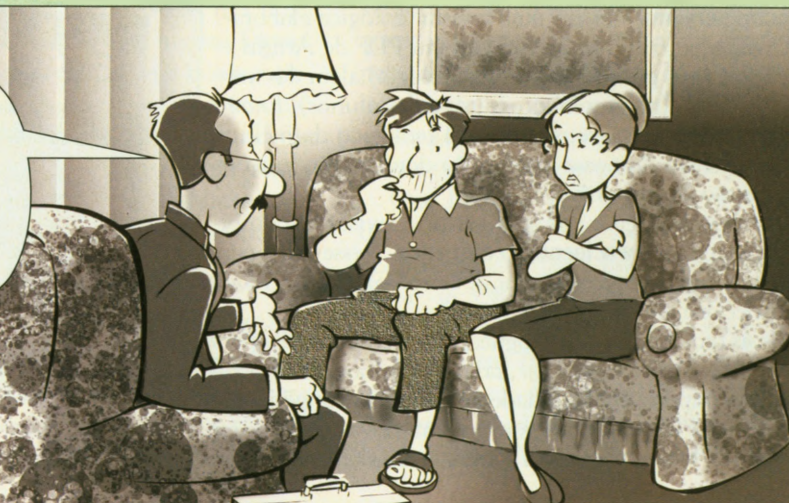


Pastor Matthew Bediako: "O amor é tudo"

vos da agremiação: Promover o crescimento espiritual, intelectual e pessoal da esposa do pastor, ajudá-la a compreender seu papel e reconhecer seus dons espirituais no contexto ministerial, prover apoio e amizade, bem como ajuda para fortalecimento dos laços familiares.

Humor

"Eu tinha de escolher entre vir aqui tentar harmonizar o casamento de vocês, ou ficar em casa trabalhando pelo meu. Escolhi o trabalho mais fácil."





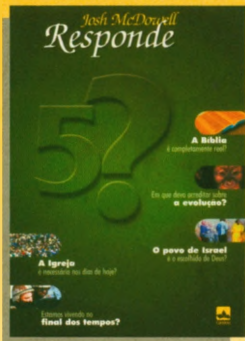
O FASCÍNIO DOS MILAGRES

Marcos De Benedicto, Unaspres, Engenheiro Coelho, SP, 181 páginas;
Tel.: (19) 3858-9055; unaspres@unasp.edu.br

A atração pelos milagres continua forte no início do século 21, mas há poucos estudos sobre o assunto em português. Agora, o público ganha uma abordagem inteligente desse controverso tópico. O autor procura mostrar que o milagre é compatível com a cosmovisão bíblica e não deve ser considerado violação das leis naturais. Ele analisa a questão da continuidade dos dons miraculosos e propõe uma visão cíclica dos milagres, cujo clímax ocorrerá pouco antes da volta de Cristo.

JOSH McDOWELL RESPONDE

Editora e Distribuidora Candéia, São Paulo, SP, 452 páginas;
ecandeia@uol.com.br



Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? Em quem ou em que posso confiar para responder a essas questões? São perguntas que as pessoas fazem a si mesmas há séculos, todos os dias, e vão continuar fazendo enquanto durar a existência. As respostas sugeridas por McDowell, a essas indagações, são relevantes para os dias atuais, porque estão fundamentadas na Palavra de Deus.

IMORTALIDADE OU RESSURREIÇÃO

Editora World Press, Cabo Frio, RJ, 389 páginas;
(22) 248-8877.



Com argumentação bíblica e cristocêntrica, este livro desmascara a mais antiga e, provavelmente, a maior mentira de todos os tempos, isto é, a de que os seres humanos possuem uma alma imortal que vive para sempre. O autor é o primeiro não-católico a graduar-se pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Ele recebeu uma medalha de ouro do Papa Paulo VI por obter distinção acadêmica *summa cum laude*.

VEJA NA INTERNET Revistas

www.unasp.edu.br/kerygma – Essa é uma revista teológica elaborada pelo Salt do Unasp que traz o texto integral em PDF de Artigos e Ensaios (geralmente escritos por professores de teologia) além das melhores Monografias e TCCs (recentemente feitos pelos alunos), Entrevistas e outras informações. Trata-se de material teológico da melhor qualidade e todo ele dentro da nossa orientação doutrinária. Edições anteriores também estão ali disponíveis.

Na mesma linha de publicação, também existe a revista disponibilizada pelo Salt do Iaene, em www.iaene.br/exegetica. Nesse caso, para selecionar os textos de um número anterior deve-se voltar até a Home e clicar no botão *Selecione um Volume*.

Falando de revistas teológicas em português, na Internet, vale a pena considerar também a revista *Teologia Hoje*, criada pela Coordenação de Pós-graduação de uma importante faculdade de teologia evangélica, localizada em Londrina, PR, cujos artigos podem ser acessados em: www.ftsa.edu.br/revista/teologiahoje.htm – Márcio Dias Guarda





Alejandro Bullón

Secretário ministerial
da Divisão
Sul-Americana

NÃO DEIXE DE SONHAR

É cedo em Brasília. Olho pela janela e vejo que a grama ainda está verde. O período das chuvas ainda não terminou. Acabo de chegar do Equador e, ao escrever este artigo, lembro-me do Pastor Thomas Davis, norte-americano, pioneiro da Obra nesse país. No ano passado, a União Equatoriana teve o melhor índice de crescimento da Divisão Sul-Americana.

Acho que o Pastor Davis nunca imaginou o crescimento da pequena semente, lançada com sofrimento e dor. Ele perdeu a esposa no momento em que ela dava à luz a primeira filha. O ambiente lhe era tão hostil, que ele teve de sepultá-la sozinho e longe da cidade. Eram tempos difíceis, sem a liberdade e as facilidades existentes hoje para a pregação do evangelho.

Depois desse incidente, a Associação Geral pediu que o Pastor Davis retornasse ao seu país, mas sua resposta foi: “Minha esposa e eu viemos aqui para cumprir uma missão e ela será cumprida.” Com a filha recém-nascida para cuidar, e vivendo situação absolutamente precária, ele permaneceu no Equador de 1904 a 1909. Como resultado da vida sofrida que levou, faleceu jovem em 1910. Hoje, o Equador possui uma União e dois Campos. Em 2005, a Igreja celebrou o primeiro centenário de sua presença no país, louvando a Deus e homenageando a memória do Pastor Davis.

Falando de coração a coração, estaríamos nós hoje dispostos ao sacrifício da vida, como Thomas Davis? Quais são as primeiras perguntas que vêm à nossa mente, quando somos informados que fomos transferidos? Casa? Trabalho para a esposa? Escola para os filhos? Os tempos mudaram e hoje ninguém precisa sofrer tanto como os pioneiros. Porém, até que ponto devemos considerar nossos interesses e os da Obra? As prioridades da Igreja são também as nossas? Corremos o risco de deixar de viver para a Igreja e passar a viver dela?

Impressionam-me estas palavras de Ellen White: “Deus Se desgosta com pregadores que se lamentam e deixam de empregar todas as suas energias nessa obra importantíssima. São indesculpáveis, e alguns estão enganados pensando que se sacrificam muito, que estão

enfrentando tempos difíceis, quando em realidade nada sabem sobre sofrimento, abnegação ou necessidade. ... Alguns pensam que seria mais fácil trabalhar com as próprias mãos. Eles não sabem, porém, do que estão falando. Enganam-se a si mesmos. Uns têm famílias grandes a sustentar e lhes falta capacidade de administração. ... Não compreendem também quanto custa viver. Houvessem se dedicado a trabalhos manuais, não estariam livres da ansiedade e do cansaço. Enquanto trabalhando pelo sustento de suas famílias, não poderiam estar assentados diante de suas lareiras. São poucas as horas que um trabalhador cuja família dependa dele para sustento, pode despendar com os seus em casa.” – *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 1, pág. 376.

Somos pastores porque um dia recebemos o chamado de Deus. Não pode haver privilégio maior. Fomos alcançados pelo evangelho e chamados para a bendita tarefa de levar pessoas à maravilhosa experiência da salvação. Porém, vivemos em um mundo mercantilista e pragmático. A publicidade cria um estilo de vida irreal. A maioria das pessoas não vive como os personagens da televisão – tendo mansões, carros importados, escolas de luxo e roupas de grife.

Se nos deixarmos seduzir por essas coisas, corremos o risco de perder o sonho do ministério e passar a viver o do conforto e do consumismo. “Está bem”, pensamos, “não quero ir ao extremo de viver em absoluto conforto, mas pelo menos um apartamento de três quartos, com bela vista panorâmica. Não é pedir muito.” Sim; porém, onde está o limite? Certamente o Pastor Davis não teria deixado seu país de origem, caso tivesse pensado desse modo.

Que Deus o ajude a manter o sonho pastoral. Não deixe de sonhar, não perca a visão. No dia em que isso acontecer, não valerá mais a pena ser pastor. Lute. Entregue-se. Ofereça-se em sacrifício no altar da missão. Leve as boas-novas da salvação aos perdidos.

É cedo em Brasília, o expediente ainda não começou. Olho novamente pela janela e vejo o céu azul. Obrigado, Senhor, pelo privilégio de ser parte do Teu ministério na Terra.

*Ofereça-se
em sacrifício no
altar da missão*

Conheça a obra completa de *Ellen G. White*



Chegou a hora de estudar a fundo e colocar em prática tudo aquilo que Deus nos revelou. Nesta coleção, que reúne todos os escritos de Ellen G. White traduzidos em língua portuguesa, você vai encontrar conselhos inspirados sobre educação, evangelismo e saúde, testemunhos preciosos para os líderes da igreja, profecias surpreendentes sobre os eventos finais e muitas outras informações fundamentais para o fortalecimento e santificação da Igreja.

Lembre-se do que está escrito: *“Crede no Senhor vosso Deus e estareis seguros; crede nos Seus profetas e prosperareis.”* (II Crôn. 20:20) **Peça já a sua coleção!**

Coleção Minicentro Ellen G. White
47 volumes encadernados (padrão)
Cód. 9947

Ligue
0800-990606*

Acesse
www.cpb.com.br

Faça seu pedido no
SELS de sua Associação

ou dirija-se a uma das
Lojas **CASA EDIÇÕES**

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h30 / Sexta, das 8h às 16h / Domingo, das 8h às 14h.

